



**Julia Neves Toledo**

**A civilização lusotropical de Gilberto  
Freyre: Uma síntese cultural lusófona**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Maurício Barreto Alvarez Parada

Rio de Janeiro  
Março 2019



**Julia Neves Toledo**

**A civilização lusotropical de Gilberto Freyre: Uma síntese cultural lusófona**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Maurício Barreto Alvarez Parada**  
Orientador  
Departamento de História - PUC-Rio

**Prof. Eduardo Wright Cardoso**  
Departamento de História - PUC-Rio

**Prof. Thiago Lima Nicodemo**  
Departamento de História - Unicamp

Rio de Janeiro, 22 de março de 2019

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

## **Julia Neves Toledo**

Graduou-se em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tendo concluído o curso de bacharelado e licenciatura em março de 2017. cursou o mestrado na Pontifícia Universidades Católica do Rio de Janeiro em março de 2019, sendo bolsista CAPES.

### Ficha Catalográfica

Toledo, Julia Neves

A civilização lusotropical de Gilberto Freyre : uma síntese cultural lusófona / Julia Neves Toledo ; orientador: Maurício Barreto Alvarez Parada. – 2019.

103 f. ; 30 cm

Dissertação(mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2019.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História Social da Cultura – Teses. 3. Gilberto Freyre. 4. Lusotropicalismo. 5. História intelectual. I. Parada, Maurício Barreto Alvarez. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Para os meus pais, Grace e José,  
pelo apoio e confiança.  
Vocês são meu porto seguro.

## Agradecimentos

Ao meu orientador, Maurício Parada pelo estímulo e incentivo a realização deste trabalho.

Os membros da banca examinadora, Thiago Nicodemo e Eduardo Wright pelas suas contribuições de extrema valia para esta pesquisa.

Aos meus amigos que me apoiaram desde o processo seletivo do mestrado até a fase final de escrita e conclusão da dissertação. O apoio de vocês foi fundamental.

À minha família, que sempre esteve ao meu lado nessa empreitada. Obrigada por todo amor e paciência.

Ao Raoni, por sempre me lembrar de acreditar em mim mesma.

À PUC-Rio por toda a estrutura oferecida para que este trabalho fosse possível de ser realizado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## Resumo

Toledo, Julia Neves; Parada, Maurício Barreto Alvarez. **A civilização lusotropical de Gilberto Freyre: Uma síntese cultural lusófona.** Rio de Janeiro, 2019. 105p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Gilberto Freyre (1900-1989) é um intelectual conhecido mundialmente principalmente devido a obra que marcou sua carreira ainda em seus primórdios, *Casa-Grande & Senzala* (1933). Esta dissertação, porém, foi fruto de uma pesquisa que buscou analisar um outro episódio de sua longa trajetória: A viagem de Gilberto Freyre para Portugal e suas colônias, nos anos de 1951 e 1952. De forma não coincidente, naquele momento Portugal vivenciava o Estado Novo de Oliveira Salazar, bem como as consequências do fim da Segunda Guerra Mundial. O pernambucano, por outro lado, desenvolvia aquela que seria a sua mais controversa teoria, o Lusotropicalismo. A viagem empreendida por Freyre foi crucial para o desenvolvimento e difusão de sua teoria, bem como de extrema importância para a construção de um discurso voltado para as relações externas portuguesas, em defesa da permanência das colônias. Duas obras são cruciais para analisarmos essa viagem e suas implicações, são elas: *Aventura e Rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação* (1953) uma espécie de diário de viagens de Freyre e *Um brasileiro em terras portuguesas. Introdução a uma possível luso-tropicologia acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico* (1953), coletânea de conferências e discursos proferidos durante a viagem, ambas se constituem como fonte documental desta pesquisa, provendo considerável material para a análise da viagem de Freyre.

## Palavras-chave

Gilberto Freyre; Lusotropicalismo; História Intelectual

## Abstract

Toledo, Julia Neves; Parada, Maurício Barreto Alvarez (advisor). **The lusotropical civilization of Gilberto Freyre: A lusophone cultural synthesis.** Rio de Janeiro, 2019. 105p. Dissertation– Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Gilberto Freyre (1900-1989) is an intellectual who became very famous in the world mainly due to the work that marked his career still in its early days, *Casa-Grande & Senzala* (1933). This dissertation, however, was the result of a research that sought to analyze another episode of its long trajectory: Gilberto Freyre's trip to Portugal and its colonies in 1951 and 1952. In a non-coincident way, at that moment Portugal went through the government of Oliveira Salazar, as well as the consequences of the end of World War II. Gilberto Freyre, on the other hand, developed what would be his most controversial theory, Lusotropicalismo. The trip made by Freyre was crucial for the development and diffusion of his theory, as well as of extreme importance for the construction of a discourse directed to the Portuguese external relations, in defense of the permanence of the colonies. Two books are crucial to analyze this trip and its implications: *Adventure and Routine - suggestions of a trip in search of the Portuguese constants of character and action* (1953) a sort of Freyre travel diary and *A Brazilian in Portuguese lands. Introduction to a possible Luso-tropiculture accompanied by lectures and speeches given in Portugal and in Lusitanian and former Lusitanian lands in Asia, Africa and the Atlantic* (1953), a collection of conferences and speeches given during the trip, both constitute a source documentary of this research, providing considerable material for the analysis of Freyre's voyage.

## Keywords

Gilberto Freyre; Lusotropicalismo; Intellectual History

## Sumário

1. Introdução	9
2. A Teoria do Lusotropicalismo de Gilberto Freyre e o Salazarismo Português	15
3. As constantes portuguesas de caráter e ação	36
4. Gilberto Freyre: Um intelectual viajante no atlântico português	64
5. Conclusão	93
6. Referências bibliográficas	99



## 1. Introdução

Em 1951, Gilberto Freyre (1900-1989) realizou uma viagem por Portugal e suas colônias africanas. A viagem durou cerca de seis meses e permitiu que Freyre conhecesse a fundo Portugal, pois esteve praticamente em todas as cidades portuguesas, além das colônias no ultramar. O contexto em que ocorreu esta viagem foi o Estado Novo Português, que se encontrava em uma fase distinta daquela em que surgiu. O caráter do regime havia sofrido profundas transformações no pós-Segunda Guerra Mundial, devido pressões internacionais pela descolonização de África e Ásia. O grande desafio do salazarismo português havia se tornado a busca por mecanismos que o auxiliassem na defesa de uma grande nação portuguesa face à sua prática colonialista anacrônica e imperialista.<sup>1</sup>

A teoria lusotropical de Gilberto Freyre, ainda em processo de formação, fornecerá a justificativa científica que o Salazarismo precisava naquele momento para garantir a manutenção de suas colônias. Formulada por um intelectual de prestígio internacional, o lusotropicalismo defende a existência de um complexo cultural, baseado na unidade entre os territórios colonizados por Portugal que juntos formariam uma civilização moderna e do futuro: a lusotropical. As colônias portuguesas eram agora parte de uma grande nação espalhada pelo além-mar e denominadas de províncias ultramarinas.

Para o mestre dos Apipucos, a experiência da viagem foi fundamental para que desse uma forma acabada à teoria que vinha desenvolvido em seus estudos, o lusotropicalismo, possibilitando inclusive sua divulgação, a partir das conferências realizadas em algumas das cidades e universidades em que esteve. Duas obras foram escritas por Gilberto Freyre durante a viagem, sendo ambas fontes fundamentais para a análise e interpretação da viagem aqui estudada. A primeira delas foi intitulado de *Aventura e Rotina: Sugestões de uma viagem acerca das constantes portuguesas de caráter e ação* e a segunda: *Um Brasileiro em*

---

<sup>1</sup> CASTELO, Cláudia. *O modo português de estar no mundo: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1998.

*Terras Portuguesas.*

A primeira edição de *Aventura e Rotina* data de 1953, cerca de um ano após o retorno de Gilberto Freyre de sua viagem por Portugal e suas colônias ultramarinas. Foi publicada pela editora José Olympio, no Rio de Janeiro, sendo o volume 77 da Coleção Documentos Brasileiros. Esta coleção foi dirigida por Gilberto Freyre até o volume 18, desde então quem assumiu foi Octavio Tarquinio de Sousa. A coleção teve início em 1936, com a publicação de *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda e só se encerra no ano de 1959. Se constituindo como um mecanismo de difusão de autores que emergiram naquele momento e estavam comprometidos com a renovação do conhecimento sobre o Brasil. A coleção Documentos Brasileiros não foi a única lançada naquele período, porém, representou um importante papel na transformação da historiografia nacional e na convergência de autores dispostos a transformar o saber histórico vigente.<sup>2</sup>

Após a edição de 1953, *Aventura e Rotina* ganhará uma nova edição em 1980, comemorativa dos 80 anos de Gilberto Freyre e editada também pela editora que recorrentemente publicava suas obras, a José Olympio. A edição comemorativa trouxe uma nota da editora com dados bibliográficos da vida do autor, além de uma bibliografia enxuta recuperando os principais feitos de Freyre em cada um dos seus oitenta anos. Além de doze ilustrações a mais em relação a primeira edição.

Posteriormente outras duas edições serão publicadas, em 2001 pela UniverCidade, no âmbito do centenário do autor e com um prefácio escrito por Alberto Costa e Silva e em 2010, publicada pela É Realizações, com prefácio de Adriano Moreira. As duas primeiras edições, as únicas publicadas durante a vida de seu escritor não possuíam alterações em seu conteúdo. O que difere entre as obras é principalmente o novo prefácio escrito por Freyre para a Edição de 1980. Vejamos.

---

<sup>2</sup> FRANZINI, Fabio. *À sombra das palmeiras: a coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2010.

No prefácio à primeira edição<sup>3</sup> Freyre nos fala de sua experiência da viagem enquanto comprovação de seus estudos anteriores, repletos de generalizações e intuições. O pernambucano já havia esboçado o que seria o mundo que o português criou e a cultura que o uniria, a lusotropical. Tendo o Brasil como parâmetro e ocupando uma espécie de vanguarda, ousou forjar a sua teoria. Porém faltava-lhe o arcabouço necessário para sua confirmação. Alcança-o em durante a viagem, de forma empírica, com os olhos de quem viu e presenciou o resultado na colonização portuguesa. Caracterizando-a como a “(...) unidade na diversidade que caracteriza os vários Portugais espalhados pelo mundo; e tal a semelhança desses Portugais diversos com o Brasil. ” (p.32)

Freyre afirma que foi a primeira viagem feita por um escritor brasileiro ao espaço que compreende o Ultramar Português. As exceções de Timor, Macau e Açores que diz que ter deixado para outro escritor brasileiro viajando por Portugal. A necessidade desse exercício de atravessar o Oceano para se escrever sobre os feitos portugueses é reforçada por Freyre, como uma forma, inclusive, de retribuição ao povo português. A sua narrativa, construída a partir de notas de viagem, são, segundo o próprio autor uma reação crítica e não apenas lírica ao que havia observado. Reúnem as principais reações do escritor a viagem tão complexa e sugestiva. Conclui esse pequeno prefácio anunciando *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*, livro que reúne as conferências e discursos que proferiu durante a viagem por diferentes lugares pelos quais passou. Assegura ter sido recebido com igual cordialidade na África, na Europa e na Índia, característica que defende não fazer parte só Brasil, mas sim do complexo lusotropical de cultura.

No prefácio à segunda edição<sup>4</sup>, publicada em 1980, Freyre inicia informando ao leitor que *Aventura e Rotina* reaparece sem nenhuma alteração no seu essencial, o texto. O autor retoma o aspecto de estudos da viagem por Portugal e suas colônias, assegurando que sua

---

<sup>3</sup> FREYRE, Gilberto. *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. Livraria José Olympio Editora, 1953.

<sup>4</sup> FREYRE, Gilberto. *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. Livraria José Olympio Editora, 1980.

independência foi garantida, assim como seus contatos. As colônias portuguesas naquele momento eram denominadas de províncias ultramarinas, nome oficial adotado pelo estado Português, Freyre defende que independentemente do nome adotado o observador naqueles territórios encontrou novos Brasis, com destaque para Angola.

A partir dessas observações que foram formulados tanto o lusotropicalismo como a lusotropicologia, uma nova sugestão de tropicologia sustenta por Freyre de forma mais enfática na introdução de um Brasileiro em Terras Portuguesas (1953). Livros que vinham destacando, segundo Freyre de forma pioneira, o começo de um grande surto de islamização na África. Naquela época de forma evidente, agora de forma culminante. O que justificaria, inclusive, a nova edição de *Aventura e Rotina* e a publicação de: *Em tornos de insurgência e ressurgências* que trata deste tema de forma mais aprofundada.

Essa temática parece ser um dos principais objetos de Freyre naquele momento, tamanha a importância que atribui a essa discussão no prefácio de *Aventura e Rotina*. A islamização da África teria suplantado o catolicismo romano justamente por uma ausência de espiritualidade por parte do ocidente e de modo algum decrescente entre os africanos. Esse movimento estaria inserido em um contexto de crise do mundo ocidental como um todo e possivelmente da civilização que Freyre havia idealizado nas páginas dessa obra.

*Um Brasileiro em Terras Portuguesas - Introdução a uma possível luso-tropicologia acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, África e do Atlântico*<sup>5</sup>, é livro produzido a partir da reunião de conferências e discursos proferidos por Freyre, como o próprio subtítulo já nos informa. O que é válido analisarmos nessa obra é não somente a tentativa de Freyre sistematizar o lusotropicalismo - ao contrário de *Aventura e Rotina*, de escrita fluída e mais informal - um *Brasileiro em Terras Portuguesas* possui uma narrativa mais formal - enquanto uma teoria científica. A lusotropicologia seria então

---

<sup>5</sup> FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas: Introdução a uma possível luso-tropicologia: acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico*. J. Olympio, 1953.

um campo de estudos que consiste justamente na análise das relações lusas nos trópicos.

Esta obra escrita e publicada juntamente com *Aventura e Rotina*, possui trajetória editorial distinta. Apenas foi reeditada em 2010, pela editora É Realizações, cinquenta e sete anos após sua primeira publicação com a José Olympio. Não foi encontrada explicações que justificassem essa disparidade, talvez por não ter sido uma obra tão atrativa, já que possui uma leitura menos prazerosa e mais engessada. Sua longa introdução de cem páginas inserindo o leitor no lusotropicalismo e na necessidade de consolidação nas universidades e institutos de pesquisas possa nos ajudar a compreender essas razões. Não obstante, a obra nos é fundamental para esta pesquisa, que tem como objetivo principal analisar a viagem de Freyre por Portugal e suas colônias.

Com o intuito de melhor sistematizarmos esta pesquisa e o contexto em que está inserida, propusemos a divisão em três capítulos. O primeiro capítulo desta dissertação, intitulado: *A Teoria do lusotropicalismo de Gilberto Freyre e o Salazarismo Português*, se propõe a analisar a relação que se estabelece entre o intelectual pernambucano e o Estado Novo Português e quais foram os mecanismos que possibilitaram a apropriação do lusotropicalismo por parte do Salazarismo. Em um primeiro momento, antes de adentrarmos na viagem de Freyre, consideramos válido analisar a trajetória pela qual a teoria do lusotropicalismo percorreu até a década de 1950, com intuito principal de situar o leitor no processo de formulação do lusotropicalismo e sua elaboração teórica.

A construção e divulgação desta teoria percorre praticamente todo o pensamento freyreano, tamanha a importância que adquire em seus estudos sociológicos. Desde *Casa-Grande & Senzala*, obra que o consagrou nos anos de 1933, é possível encontrarmos indícios do que posteriormente seria intitulado de Lusotropicalismo. Nos anos de 1940, a partir de conferências proferidas na Europa, o lusotropicalismo ganha corpo teórico e já ocupa destaque nos estudos de Freyre. Durante a década 1950 chega a seu auge, encontrando respaldo internacional ao ser difundida pelo mundo lusófono, em uma viagem financiada pelo Estado Novo de Oliveira Salazar. A viagem de Gilberto Freyre é episódio chave nesse momento, e

iremos analisá-la ao longo dos próximos dois capítulos, a partir das obras publicadas pelo próprio viajante.

O segundo capítulo: As constantes portuguesas de caráter e ação, leva este título pois, estando primeiramente na Europa, o escritor olha para Portugal buscando as constantes portuguesas de caráter e ação, como indica o homônimo subtítulo de *Aventura e Rotina*. Freyre já havia estado em Portugal em outras ocasiões e ao retornar resgata o que poderia fazer parte da essência da cultura portuguesa. Não uma essência pura, mas interpenetrada culturalmente, a partir dos diversos contatos que estabeleceu com outros povos ao longo dos anos.

Em uma narrativa nostálgica, Freyre busca o que permanece em Portugal face os modernismos vistos pelo mundo, os quais tanto repudia. O equilíbrio entre antigo e o novo, o tradicional e o moderno são uma das condições para o desenvolvimento da civilização lusotropical e deve ser um horizonte alcançado também pelos portugueses. Nesse sentido, buscaremos observar, a partir dos relatos de Freyre, o que o sociólogo viu de outras culturas em Portugal, o que o português soube utilizar em seu favor, adicionando-as nas características de sua cultura, por isso fluida e de certo modo inconstante.

Franz Boas e sua contribuição tanto a antropologia cultural histórica quanto para os estudos de Freyre sobre raça, cultura e mestiçagem também serão analisados neste capítulo. O resgate do antropólogo e seu trabalho tem objetivo principal de buscarmos entender como Freyre analisa a cultura portuguesa, sua essência, os contatos que a permearam e as trocas culturais que os portugueses fomentaram pelos trópicos.

No terceiro capítulo, Gilberto Freyre: Um intelectual viajante no atlântico português, pretendemos permanecer analisando *Aventura e Rotina*, o diário de viagens de Gilberto Freyre e *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*, obra que o complementa. Porém, neste capítulo utilizaremos outro eixo interpretativo, o olhar do Freyre viajante em relação às culturas com as quais se depara ao longo da viagem. É interessante perceber ao longo de uma leitura mais atenta do diário o modo de observar a cultura lusotropical por parte do escritor. Freyre, não olha o desconhecido, mas sim para sua origem. É um exercício de reconhecimento de si próprio e de sua

cultura no outro. Durante sua visita pelas colônias Freyre altera a sua perspectiva de observador, ou seja, não é mais o quanto permaneceu e o que foi incorporado na cultura portuguesa em detrimento do contato com outras culturas. É o quanto, Portugal e de forma mais enfática, o Brasil, estão na África.

Freyre agora busca o reconhecimento no outro e em outro povo, cultura e continente, visando, principalmente, a comprovação de sua teoria: o lusotropicalismo. O que podemos constatar até o momento inicial da pesquisa é que esse exercício de reconhecimento por parte de Freyre, é constante pelas colônias por onde passa. Cabo-Verde se mostra uma exceção, como analisaremos no terceiro capítulo, por questões históricas e estruturais. Em diferentes momentos e lugares da viagem Freyre vê o Brasil por onde passa e transmite ao leitor uma sensação de estar em casa, confraternizando com seus pares, mesmo que isso signifique povos rurais de Moçambique, por exemplo.

Freyre constrói sua análise a partir de diferentes graus de penetração cultural e tem como parâmetro a intensidade da presença portuguesa no território, assim como a miscigenação. O desenvolvimento das colônias depende da ação, nem tanto de Portugal, mas sim do Brasil e seu exemplo de sucesso enquanto ex-colônia. Por outro lado, a própria civilização lusotropical depende da transmissão de valores entre os três continentes. Através de contributos de cada um deles se formaria a civilização moderna e do futuro. Visto isso, pretendemos analisar quais são as singularidades e características da colonização portuguesa que se manifestaram em suas colônias e possibilitaram essa aproximação entre povos tão longínquos e diversos, que seguindo a argumentação de Freyre, fazem parte de um mesmo complexo cultural ou civilizacional: o lusotropicalismo.

## **2. A Teoria do Lusotropicalismo de Gilberto Freyre e o Salazarismo Português**

Gilberto Freyre (1900-1989) ao longo de sua vastíssima produção bibliográfica elaborou uma teoria intitulada de Lusotropicalismo. O

processo de construção desta teoria foi longo e percorre praticamente todo o pensamento freyreano, tamanha a importância que adquire em seus estudos sociológicos. Desde *Casa-Grande & Senzala*<sup>6</sup>, obra que o consagrou nos anos de 1933, é possível encontrarmos indícios do que posteriormente seria intitulado de Lusotropicalismo. Nos anos de 1940, a partir de conferências proferidas na Europa, o lusotropicalismo ganha corpo teórico e já ocupa destaque nos estudos de Freyre. Durante a década 1950 chega a seu auge, encontrando respaldo internacional ao ser difundida pelo mundo lusófono, em uma viagem financiada pelo Estado Novo de Oliveira Salazar.

O périplo empreendido pelo mestre dos Apipucos se constitui enquanto nosso objeto de pesquisa nesta dissertação, porém, consideramos válido, antes de adentrarmos na viagem de Freyre, analisar a trajetória pela qual a teoria do lusotropicalismo percorreu até a década de 1950. Com intuito principal de situar o leitor no processo de formulação do lusotropicalismo e sua elaboração teórica. *Casa-Grande & Senzala* nos é fundamental nesse sentido, pois além de sua importância para a compreensão do pensamento freyreano, é onde vamos encontrar os esboços iniciais do que Freyre posteriormente chamou de uma civilização moderna e do futuro: A Lusotropical.

A obra que consagrou o escritor analisa o passado colonial e a formação do povo brasileiro, a partir da mistura das três grandes raças fundadoras do Brasil: a raça negra, a raça ameríndia e a raça europeia. A miscigenação surge, então, como um fator positivo e integrador, como um contributo para a formação do Brasil, indo na contramão dos diagnósticos até então atribuídos para o Brasil, onde o negro aparece com um fator negativo e degenerado.

Freyre nessa obra se concentra em analisar a condição colonial do Brasil nos séculos XVI e XVII, principalmente do Nordeste açucareiro, terra natal do escritor brasileiro. A miscigenação, produto da colonização portuguesa e da escravização de africanos nas terras tupiniquins, passa a ser valorizada na obra de Freyre, em contraposição às correntes

---

<sup>6</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*.-51ª. São Paulo: Editora Global, 2006



hegemônicas que defendiam a tese da degenerescência de povos miscigenados, resultantes do darwinismo social<sup>7</sup>. O mestiço aparece como o tipo ideal do homem moderno, pois foi formado com o contributo de três grandes culturas, a europeia, a ameríndia e a africana, reunindo as características positivas de ambas e certas vantagens em relação aos outros povos.

Entretanto, o aspecto que nos vale ressaltar em *Casa-Grande & Senzala* são as bases da teoria do lusotropicalismo. A referida obra apresenta a compreensão do escritor pernambucano em relação ao povo português, como sendo aquele que melhor reuniu as condições necessárias para o povoamento dos trópicos e que melhor confraternizou com as raças chamadas inferiores.

A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a europeia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião (...) A Europa reinando mas sem governar; governando antes a África.<sup>8</sup>

Três categorias são centrais para Freyre no que diz respeito às características do português: a miscibilidade, a aclimatabilidade e a mobilidade. Segundo a argumentação freyreana, a mobilidade teria sido o grande segredo para a vitória portuguesa, pois, apesar da população escassa, Portugal havia “conseguido salpicar virilmente do seu resto de sangue e de cultura populações tão diversas e tão distantes uma das outras: na Ásia, na África, na América, em numerosas ilhas e arquipélagos”<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup>O darwinismo social foi uma escola de pensamento, baseada em Charles Darwin em sua teoria evolução biológica das espécies animais e a ideia da seleção natural, onde os mais fortes sobrevivem, sendo uma tentativa de aplicar o darwinismo às sociedades. Baseado nessa teoria os países Europeus justificavam seu colonialismo, exaltando a sua cultura em detrimento dos outros povos considerados bárbaros. A “missão civilizadora” foi empreendida como forma de elevar essas nações do seu estado primitivo a um nível mais desenvolvido. Ver mais em: *A Origem das Espécies* (1859), de Charles Darwin.

<sup>8</sup>FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*.-51ª. São Paulo: Editora Global, 2006, p. 66.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 70.

Sobre a miscibilidade, ele assegura que nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu ou sequer igualou os portugueses nesse ponto. “A miscibilidade, mais do que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massa ou volume humano para a colonização em larga escala e sobre áreas extensíssimas”<sup>10</sup>.

Na aclimatibilidade, segundo Freyre, nas condições físicas, de solo e de temperatura, Portugal é antes África do que Europa. O deslocamento do português para a América “não traria as graves perturbações da adaptação, nem as profundas dificuldades de aclimação experimentadas pelos colonizadores vindos dos países de clima frio”<sup>11</sup>. Segundo Ricardo de Araújo Benzaquen, em sua tese *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos Anos 30*, Freyre condensa essas características na ideia de plasticidade. Conceito chave que acompanhará as interpretações sobre raça e cultura na obra do pernambucano.

A interpretação dos “equilíbrios de antagonismos” de Gilberto Freyre é um dos pontos centrais da argumentação de Benzaquen em sua tese e nos fornecem chaves analíticas para pensar a produção freyreana em seus anos posteriores, dando ênfase à teoria do lusotropicalismo. Segundo a argumentação de Benzaquen em sua tese, o português surge em Gilberto Freyre como um personagem híbrido, resultado da localização geográfica da península ibérica, rota de passagem para a África e uma das fronteiras da Europa. Este local de intensos encontros e contatos nem sempre pacíficos produziram mútuas influências duradouras, o que havia, inclusive, retirado a identidade de branco “puro” do português <sup>12</sup>.

Ricardo Benzaquen analisa ainda a categoria de mestiçagem mobilizada por Freyre, assegurando que “(...) as propriedades singulares de cada um desses povos não se dissolveram para dar lugar a uma nova figura, dotada de um perfil próprio, síntese das diversas características que teriam fundido na sua composição. O mestiço seria alguém que guarda a indelével lembrança das diferenças presentes na sua gestação”. Essa

---

<sup>10</sup> Ibidem, p. 70.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 72.

<sup>12</sup> ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz. Casa-grande & senzala na obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994. p. 37.

chave nos alude para compreender, segundo Benzaquen, o termo que o mesmo desenvolve em sua tese dos “equilíbrios de antagonismos”. “(...) embora equilibrados, recusam-se terminantemente a se desfazer e a se reunir em uma entidade separada, original e indivisível”.<sup>13</sup>

Nesse primeiro momento, durante os anos de 1930, nem mesmo a palavra lusotropicalismo aparecia nos estudos freyreanos. Os esforços do sociólogo estavam voltados para compreender a realidade brasileira a partir da análise de seu passado colonial, se amparando, inclusive, em uma perspectiva mais generalizante. O argumento de Freyre se constituiu diferentemente da maioria dos diagnósticos traçados na época por pensadores que partilhavam das mesmas inquietações em relação aos problemas de atraso do Brasil, sobre a modernização tardia principalmente. A presença dos portugueses no Brasil, apesar dos males gerados, teria contribuído de maneira significativa na formação do Brasil e seu povo, assim como a forte presença dos negros e suas diversas culturas africanas em nosso território. O passado colonial não deveria ser superado, mas sim resgatado, estudado, valorizado, mesmo com suas controvérsias, somente assim o Brasil se modernizaria.

Gilberto Freyre posteriormente em suas obras em alguma medida superou esses “equilíbrios de antagonismos” que de certa maneira não se resolviam, em torno do lusotropicalismo. Uma unidade de sentimentos e de culturas mobilizada pela plasticidade do português e que compreenderia todos os territórios de colonização portuguesa. As características fundamentais de cada povo: negro, índios e portugueses seriam mantidas, porém, juntas e formariam uma civilização moderna e do futuro, a civilização lusotropical. Essa foi a saída encontrada por Freyre para solucionar tensões e impasses. Unificar a experiência da colonização portuguesa, atravessando as margens do atlântico sul, em um espaço cultural comum.

O elogio da mestiçagem tal como formulado em Casa-Grande & Senzala está nas bases e nas origens do lusotropicalismo. Em certo sentido, o complexo de cultura lusotropical pode ser entendido como uma generalização da experiência colonial portuguesa tal como exposta em Casa

---

<sup>13</sup> Ibidem, p. 38.

Grande e Senzala para todo o Ultramar português.<sup>14</sup>

O lusotropicalismo de Gilberto Freyre foi se concretizando ao longo dos anos, ganhando corpo teórico em duas conferências, uma realizada em Londres, no King's College e outra em Portugal, na Universidade de Lisboa, Porto e Coimbra. Apesar de Freyre não ter comparecido presencialmente, as conferências foram lidas nas respectivas universidades no ano de 1937 e reunidas posteriormente em um livro intitulado *Conferências na Europa*. Publicado em 1938, pela editora José Olympio, teve seus exemplares esgotados rapidamente. Posteriormente, as conferências foram novamente publicadas, agora com o título de *O mundo que o português criou* (1940).

É possível analisarmos este momento, a partir dos anos de 1940, com intuito de análise e não de categorização ou ruptura, como uma “segunda fase” do pensamento freyreano. Nessa altura, Freyre não se limitava somente a discutir a realidade brasileira e seu passado colonial, como ocorreu na década de 1930. Embora ainda estivesse preocupado em interpretar a cultura brasileira e suas possibilidades de desenvolvimento para com Portugal e as colônias africanas, Freyre atinge uma fase de expansão de suas ideias. Inserindo a colonização portuguesa na África e Ásia em seus estudos, forja o que seria o mundo lusotropical, criado pelo português no Atlântico.

Cláudia Castelo, ao discorrer sobre *O mundo que o português criou*, afirma que, ao longo dos anos 1940, poucas inovações ocorreram na obra de Gilberto Freyre, porém assegura que os fundamentos do lusotropicalismo já estavam lançados, sendo os anos posteriores e principalmente a viagem de Freyre para Portugal e suas colônias, ocorrida nos anos de 1951-1952, um momento de concretização e comprovação.

Em *Casa Grande e Senzala*, Freyre sustenta a sua interpretação psicocultural da formação da sociedade brasileira numa interpretação pessoal das predisposições de carácter do colonizador português. Em *O mundo que o português criou*, faz o mesmo. Agora para um universo mais

---

<sup>14</sup> DE MORAES LEME, Rafael Souza Campos. *Absurdos e Milagres: um estudo sobre a política externa do lusotropicalismo (1930-1960)*. Fundação Alexandre de Gusmão, 2011, p.36.

vasto, e geográfica e culturalmente diversificado.<sup>15</sup>

Para Freyre, em *O Mundo que o Português criou* (1940), o lusotropicalismo se manifesta através do processo de miscigenação e da interpenetração de culturas presentes nos territórios colonizados e significa uma constante tentativa de harmonização da Europa com os Trópicos, concretizada pelo esforço português. A miscigenação. Ainda na Introdução, Freyre busca valorizar a ação de Portugal no Brasil, tendo resultado em um processo de alongamento de uma cultura antiga em uma nova, de forma mais intensa. O Brasil, segundo o autor é a expressão mais destacada do conjunto de culturas nacionais e regionais marcadas fortemente pela de Portugal.<sup>16</sup>

Portugal, o Brasil, a África, a Índia Portuguesa, a Madeira e os Açores e Cabo-Verde constituem hoje uma unidade de sentimento e de cultura. Isto sem sacrifício, é claro, das diferenças nacionais ou regionais de organização política e de especialização econômica; e sem darmos a palavra “sentimento” um significado absoluto, à parte da experiência social dos homens.<sup>17</sup>

Freyre proferiu a conferência “Aspectos da influência da mestiçagem sobre as relações sociais e de cultura entre portugueses e lusodescendentes” em Portugal, a qual julgamos mais pertinente para nossa pesquisa, nela o autor reserva a maior parte de sua fala para a questão da formação da cultura brasileira e seu elo central, a mestiçagem. O pernambucano resgata o processo de miscigenação no Brasil como uma força de atuação social e psicológica mais larga e mais profunda que a escravidão. Atribuindo um caráter mais humano e identificando relações amorosas entre os homens portugueses pelas mulheres índias e, mais tarde, pelas africanas, Freyre parece acreditar que o amor estava acima de preconceitos e agindo com poder na formação do Brasil.

A atitude do português para com o mestiço - única em povo europeu moderno - é, por essa sua singularidade e pelas

<sup>15</sup> CASTELO, Cláudia. *O modo português de estar no mundo: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1998. p, 35.

<sup>16</sup> FREYRE, Gilberto. *O mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas*. Vol. 28. José Olympio, 1940, p.18.

<sup>17</sup> Ibidem, p.25.

consequências sociais, econômicas e políticas semelhantes que já produziu nas várias áreas de colonização lusitana, um elemento fortíssimo de caracterização psicológica e sociológica do bloco de sentimentos e de cultura que hoje constituímos. Ao mesmo tempo, é para nós, portugueses e lusodescentes, um clima sentimental e de cultura que quase não varia da Ásia portuguesa ao Brasil, nem da África portuguesa a Cabo Verde.<sup>18</sup>

Os lusodescendentes - puros e mestiços - de áreas diversas, quando se põe em contato uns com os outros, é para se sentirem espantosamente semelhantes nos seus motivos e nos seus estilos de vida. Essa frase é interessante de resgatarmos pois é este mesmo exercício que Freyre buscará praticar em sua visita ao mundo que o português criou durante a década de 1950. De acordo com Freyre, uma "(...) 'consciência de espécie' - usemos a expressão de Giddings - que une os lusodescendentes uns aos outros.<sup>19</sup>

Freyre nos fala da existência dessa consciência de espécie transacional ou supranacional, partilhada pelos lusos e seus descendentes, incluindo os mestiços, que formariam a maior parte da civilização lusotropical. A miscigenação teria criado uma zona sentimental e social o que resultaria em uma "democratização de sociedades humanas através da mistura de raças, do cruzamento, da miscigenação".<sup>20</sup> Embora não tenha ainda utilizado a expressão democracia racial, é nessa obra que Freyre utiliza o termo democracia social para explicar o resultado da miscigenação não só no Brasil mas nas colônias africanas.

A relação entre os aspectos regionais, nacionais e transnacionais na cultura são analisadas por Freyre, podendo coexistir sem o prejuízo de desintegração. Portugal teria formado no Brasil uma nova cultura transnacional, sem sacrifício da sua livre especialização regional ou nacional. Essas características, pelo contrário são valorizadas pelo escritor, que analisa as particularidades culturais de forma complementar. Freyre permanecerá trabalhando com esses dois eixos, o eixo geral, mais

---

<sup>18</sup> Ibidem, p.29.

<sup>19</sup> Ibidem, p.29.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 30.

abrangente ou transnacional e o particular, voltado para o regional e as especificidades locais.

Segundo Jerry Dávila, Freyre publica em *O mundo que o português criou* uma síntese de um tema predominante em seus trabalhos anteriores: o Brasil havia sido constituído pela capacidade portuguesa de miscigenação e disseminação nas áreas tropicais. Porém, em vez de explorar as virtudes da miscigenação, que considerava típica do Brasil e inspirada por Portugal, Freyre adotou um projeto de nacionalismo étnico, exaltando o colonialismo lusitano, pregando “solidariedade maior do Brasil com Portugal e com as colônias portuguesas”<sup>21</sup>

Após os canônicos Casa-grande e senzala e Sobrados e mucambos, a obra de Freyre mudou o tom de análise, desenvolvendo cada vez mais a ideia de que a miscigenação brasileira era um mérito exclusivamente lusitano e defendendo cada vez mais tanto o colonialismo português na África quanto a ditadura de Antônio Oliveira Salazar.<sup>22</sup>

Essas discussões que Freyre aborda nos finais dos anos de 1930 serão uma espécie de ponte para o lusotropicalismo, teoria que será explorada de maneira ampla durante a viagem realizada pelo escritor na década de 1952. Nessa altura, Freyre já havia iniciado um processo de generalização de sua análise da realidade brasileira para as colônias africanas, afirmando que as mesmas “seguiram o modelo brasileiro, sem ‘uma rígida exclusividade de raça ou mesmo de cultura, mas por meio de constante interpenetração de valores culturais diversos e de abundante miscigenação’”.<sup>23</sup>

*O Mundo que o Português Criou* é retomado em *Aventura e Rotina* e um *Brasileiro em Terras Portuguesas*, ambos publicados em 1953, e escritos durante a longa viagem por Portugal continental e pelas colônias africanas. Gilberto Freyre passava da pesquisa documental, em arquivos e bibliotecas, à pesquisa testemunhal direta, a partir de uma viagem

<sup>21</sup> DÁVILA, Jerry. Raça, etnicidade e colonialismo português na obra de Gilberto Freyre. **Desigualdade e Diversidade—Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio**, v. 7, p. 153-174, 2010, p.156.

<sup>22</sup> D’AVILLA, 2010, p.155.

<sup>23</sup> Ibidem, p.156.

sociológica de comprovação empírica de sua teoria".<sup>24</sup> A ida de Freyre para Portugal e suas colônias se manifesta como um momento de concretização e difusão desta teoria.

Desde 1940 que, no seu livro *O Mundo que o Português Criou*, Freyre iniciava a sua transposição da explicação genética do Brasil para o caso da África portuguesa, apontando o conjunto de territórios lusófonos de Portugal, Açores, Madeira, África lusa, Índia portuguesa, Cabo Verde e Brasil como uma unidade de sentimento e de cultura. O leimotiv lusotropicalista estava dado, e a viagem às colônias lusas a convite do governo de Salazar, em 1951-52, seria a ocasião para rever, actualizar e ampliar a sua nova visão lusotropicalista de um imenso Portugal transcontinental e multirracial, o que se exprimira em especial nos livros *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* e *Aventura e Rotina*.<sup>25</sup>

Em 1951, Gilberto Freyre foi convidado pelo governo português para realizar uma viagem por Portugal continental e suas colônias ultramarinas localizadas na costa africana. A viagem durou cerca de seis meses e permitiu que Freyre conhecesse a fundo Portugal, pois esteve praticamente em todas as cidades portuguesas, além das colônias. As exceções foram Timor, por opção de Salazar e Macau por decisão do próprio Freyre<sup>26</sup>. Esta experiência foi fundamental para que Gilberto Freyre desse uma forma acabada à teoria lusotropical, possibilitando inclusive sua divulgação, a partir das conferências realizadas em algumas das cidades em que esteve.

Com o intuito de situar esta discussão no contexto em que ocorreu, justifica-se uma breve introdução no carácter do Salazarismo, assim como suas etapas de afastamento e aproximação do pensamento freyreano, justificadas pelo contexto em que foram negadas ou apropriadas. O contexto em que ocorre a viagem de Gilberto Freyre é a ditadura de António

<sup>24</sup>CHACON, Vamireh. Prefácio. In: FREYRE, Gilberto. *O mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas*. Vol. 28. José Olympio, 1940. p.11.

<sup>25</sup>MEDINA, João. Gilberto Freyre contestado: o lusotropicalismo criticado nas colônias portuguesas como álibi colonial do salazarismo. *Revista Usp*, n. 45, p. 48-61, 2000, p.53.

<sup>26</sup> Não foram encontradas maiores explicações sobre os motivos que levaram a exclusão de Timor por parte de Salazar e a opção de Freyre em não visitar Macau. Porém o que se pode deduzir devido dados concretos é que a visita ao Timor mostraria a Freyre a face mais cruel da colonização portuguesa na África, o que não era conveniente naquele momento, a exclusão de Macau se justificaria pela longa distância a ser percorrida por Freyre, pois Macau se situa na China.



Salazar, tendo o convite partido do Ministério do Ultramar Português<sup>27</sup>, gerenciado por Sarmiento Rodrigues<sup>28</sup>.

O Estado Novo Português, naquela altura, se encontrava em uma fase distinta daquela em que surgiu, pois, o caráter do regime sofreu profundas transformações no pós-Segunda Guerra Mundial. Devido seu longo período de duração, iniciado em 1933 e somente findado em 1975, já com a liderança de Marcelo Caetano, a ditadura portuguesa foi historicamente dividida em dois períodos. A primeira fase do salazarismo, que inclui os anos de 1930 e 1940, possuiu um caráter mais estruturador, objetivando principalmente a construção de uma ideologia que pudesse legitimar o regime do Estado Novo e estivesse amparada em um forte aparato propagandístico e repressivo.<sup>29</sup>

O historiador português Fernando Rosas ao analisar o Salazarismo, no que poderíamos definir como sua primeira fase, afirma que:

No período áureo da afirmação do projecto ideológico totalizante do Estado Novo, nos anos de 30 e 40, apesar das fissuras e nuances internas, o regime definirá um discurso propagandístico claro, agressivo, fundamentador de uma nova ordem, procedendo para tal, quer à revisão purificadora e auto legitimadora da memória histórica, quer a fabricação de um conceito integrador e unificador da cultura popular, de raiz nacional-etnográfica.<sup>30</sup>

Nessa primeira fase do Salazarismo, as ideias de Gilberto Freyre não encontram terreno propício para se difundirem, principalmente no que diz respeito à política colonial salazarista. Segundo a historiadora Cláudia Castelo, em seu livro: *O modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*, os primeiros anos do governo de Salazar estavam imbuídos em um projeto de ressurgimento imperial e de afirmação do velho e indomável espírito da

---

<sup>27</sup> Ministério do Ultramar (1951-1974) foi o departamento do Governo de Portugal responsável pela administração civil dos territórios ultramarinos sob domínio colonial português. Até 1951, era chamado "Ministério das Colônias" e, em 1974 passou a designar-se "Ministério da Coordenação Interterritorial".

<sup>28</sup> Sarmiento Rodrigues foi Ministro das Colônias de 1950 a 1955. Ver mais em: FERRÃO, Nuno de Sotto-Mayor Quaresma Mendes. Aspectos da vida e obra do Almirante Sarmiento Rodrigues (1899-1979). 1999.

<sup>29</sup> CASTELO, 1998.

<sup>30</sup> ROSAS, Fernando. *Salazar e o Poder. A arte de saber durar*. Editora Coimbra, 2012, p. 322.

raça, imposto às populações selvagens, não sendo adequada com a visão culturalista de Freyre.

A ideia de uma nação regenerada e reencontrada consigo mesma, com essência eterna e destino providencial será uma das bases da ideologia salazarista, bem como o slogan “Tudo pela nação, nada contra a Nação”, que é síntese do ideal nacionalista fortemente presente no salazarismo. O propósito de defesa da nação e posteriormente integração da mesma, incluindo os territórios de além-mar, trouxe certa legitimidade ao regime, justificando assim, a manutenção das possessões coloniais.

A Ideologia Colonial foi uma das bases do salazarismo, sendo fortemente inserida na propaganda do regime e nos discursos de Salazar ao longo de seu governo. No *Dicionário de História do Estado Novo*, de Fernando Rosas, no que diz respeito à Ideologia Colonial, o autor afirma que a nação é defendida como a expressão de uma essência que impõe uma missão histórica e uma concepção de mundo, conferindo às potências europeias, e a Portugal especificamente, o papel de exercer a tutela sobre os indígenas dos territórios colonizados<sup>31</sup>.

A crença generalizada da superioridade da civilização ocidental e a hierarquização das raças são importantes elementos da Ideologia Colonial salazarista, utilizadas para legitimar a colonização portuguesa em África e a Ásia e a política colonial de Salazar. Pode-se afirmar que os primeiros traços da ideologia colonial do Salazarismo surgem materializados no Ato Colonial de 1930, criado pela Secretaria Geral do Ministério das Colônias, em substituição do título V da Constituição Política da República Portuguesa de 1911.

O ato colonial prevê, em detrimento das pressões internacionais desfavoráveis à soberania colonial da metrópole sobre a colônia, reforçar o Império colonial português e assegurar a missão civilizatória

---

<sup>31</sup> De acordo com o artigo segundo do Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique, consideram-se indígenas das referidas províncias os indivíduos de raça negra ou seus descendentes que, tendo nascido ou vivendo habitualmente nelas, não possuem ainda a instrução e os hábitos individuais e sociais pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses. Ver mais em: FERREIRA, José Carlos Ney; DA VEIGA, Vasco Soares. **Estatuto dos indígenas portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique**. 1957.

desempenhada por Portugal nos territórios coloniais. A questão colonial e a manutenção dos territórios do ultramar possuem protagonismo na política de Salazar, desenvolvendo e fortalecendo ao longo de seu governo a chamada ideologia colonial.

Os espaços coloniais portugueses corriam o risco de sucumbir frente à redefinição da geografia política internacional e das pressões liberalizantes dos autonomismos nacionalistas. O governo Salazar conseguiu manter, ao longo da Segunda Guerra, as fronteiras do Império Colonial, promovendo mudanças na legislação da administração colonial a fim de justificar a existência de territórios portugueses no além mar.<sup>32</sup>

Luís Reis Torgal em seu livro: *Estado Novo, Estados Novos* faz uma longa análise sobre as alterações legislativas feitas pelo governo de Salazar nos anos de 1951, incluindo a revogação do Ato Colonial e a anexação de disposições sobre o Ultramar Português na Constituição de 1933. Segundo o autor, as alterações são sensíveis, sem grandes mudanças profundas nas colônias, muitas delas somente nominais<sup>33</sup>.

(...) por pressões do tempo e para contrariar o referido processo de descolonização, se altera o nome de 'Colônias', voltando a chamar-se 'Províncias Ultramarinas', e se elimina a designação de 'Império' atribuída aos domínios ultramarino portugueses, nada mais essencial se modifica, nomeadamente no que diz respeito à 'política indígena', embora se possa dizer que se começa a sentir a influência de uma cuidadosa política assimilacionista.<sup>34</sup>

Torgal, no que diz respeito à recepção da obra de Freyre, afirma que houve uma mudança de perspectiva, e que conseqüentemente as obras sobre a ação portuguesa de miscigenação do Brasil que foram subalternizadas nos anos 1930 e 1940, onde ainda predominava o ideal civilizatório e a hierarquia das raças, foram posteriormente utilizadas oficialmente pelo regime de Salazar, na altura em que se inicia a fase assimilacionista e até mesmo integracionista. Diferentemente dos anos 1930 e 1940, nos anos de 1950, o pensamento freyreano encontrou uma

---

<sup>32</sup> CASTELO, 1998.

<sup>33</sup> As referidas alterações foram previstas na lei número 2.048, de 11 de junho de 1951.

<sup>34</sup> TORGAL, Luís Reis. *Estados novos, estado novo: ensaios de história política e cultural*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.p, 94

calorosa recepção por parte do Estado Novo de Salazar. Nesse momento, os estudos de Gilberto Freyre voltavam-se para a formulação e comprovação da teoria do lusotropicalismo.

João Alberto Pinto nos alerta para o grande esforço por parte do Estado Novo em relação à propaganda do regime. A propaganda foi um dos pilares do governo de Salazar, que muito contribuiu para a disseminação do ideal da grande nação portuguesa, baseada em uma suposta cooperação entre Portugal e os territórios ultramarinos em torno de uma unidade que só existia na teoria.

(...) o governo de Salazar mobilizou gigantesco esforço de propaganda para justificar internacionalmente uma nação de extensas fronteiras, que do Minho ao Timor faziam de Portugal um só território. É nesse momento crucial que a obra e o pensamento de Gilberto Freyre tornaram-se instrumentos da máquina da propaganda salazarista.<sup>35</sup>

Nesta segunda fase do salazarismo, iniciada no pós-Segunda Guerra Mundial, o grande desafio do Estado Novo português, tornou-se a busca por mecanismos que o auxiliassem na defesa de uma grande nação portuguesa face à sua prática colonialista, anacrônica e imperialista. O mundo, traumatizado pela guerra e por suas consequências, passou a ignorar ou revisar as teses de inferioridade racial e de supremacia de civilizações, mesmo camuflados atrás de interesses comerciais em África e Ásia, a corrente que defende a independência das colônias ganha protagonismo em detrimento da defesa de territórios subordinados à grandes potências.

Salazar pretendia disseminar o ideal de uma grande nação portuguesa que possuía territórios no além-mar, porém estes faziam parte igualmente de um mesmo Império, negando, portanto, as relações de dependência e subordinação das chamadas “províncias ultramarinas” com Portugal. De acordo com João Alberto da Costa Pinto, em 1951, novas práticas administrativas foram sugeridas pelo Estado Novo Português, em uma tentativa de reformulação do caráter do regime, inclusive em sua

---

<sup>35</sup> PINTO, João Alberto da Costa. *Gilberto Freyre e a intelligentsia salazarista em defesa do Império Colonial Português (1951-1974)*. História (São Paulo) 28.1, p. 445-482, 2009, p. 412.

burocracia. A principal delas foi a revogação do Ato Colonial de 1933<sup>36</sup>, que se demarcava até então como a carta constitucional do colonialismo português. Devido às pressões internacionais provenientes da ONU, uma das novas medidas estabelecia que as colônias que eram definidas como tais, daquele momento em diante, passariam a ser nomeadas como províncias ultramarinas. Mudava-se a terminologia, mas as práticas e realidades permaneciam intocadas.<sup>37</sup>

Segundo Taciane Almeida Garrido de Resende,

Esta tônica da nova política inaugurada na década de 1950 que teve como principal defesa de um Portugal que transcendia suas fronteiras europeias, encontrou diálogo profícuo na tese desenvolvida pelo sociólogo Gilberto Freyre, na década de 1940. A tese do lusotropicalismo (...), combinava, de modo sincrético, a cultura portuguesa dos povos colonizados, e assim, oferecia ao governo português o discurso oficial da conciliação sem hierarquias.<sup>38</sup>

Gilberto Freyre representou, portanto, uma importante lapidação das políticas portuguesas em relação ao ultramar, que passaram, gradativamente, a prestigiar seu caráter multiétnico e abandonar a tese da superioridade da raça portuguesa.<sup>39</sup> O pernambucano e sua teoria lusotropical integraram a narrativa de um Estado Novo revisto, sendo utilizado como autoridade científica por aqueles que visavam principalmente justificar o imperialismo português.

Roberto Vecchi em seu texto: *A casca e a fruta do pós-colonialismo português: algumas armadilhas do Lusotropicalismo*, afirma que:

(...) será no contexto sucessivo ao fim da Segunda Guerra Mundial, de crise dos sistemas coloniais, que o Salazarismo reciclará o pensamento de Gilberto Freyre para construir uma narrativa não tanto colonialista, mas renarrando o passado colonial como um precoce projeto civilizacional, baseado num moderno e pioneiro universalismo português de forte pendor cultural.<sup>40</sup>

<sup>36</sup> Sobre o Acto Colonial, ver mais em: SILVA, A. E. Duarte. *Salazar e a política colonial do Estado Novo: o Acto colonial (1930-1951)*. ROSAS, Fernando & BRITO JM Brandão. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

<sup>37</sup> PINTO, 2009.

<sup>38</sup> RESENDE, Taciane Almeida Garrido de. *Isso não é África, é Cabo Verde: o movimento claridosos e a busca por uma identidade crioula*. 1. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015, p.102.

<sup>39</sup> DE MORAES LEME, 2011, p. 43

<sup>40</sup> VECCHI, Roberto. *A casca e a fruta do pós-colonialismo português: algumas armadilhas do Lusotropicalismo*, **Cadernos de Estudos Culturais**, v. 5, n. 9, 2017. p. 218.

A tese do lusotropicalismo de Gilberto Freyre será apropriada pelo Estado Novo de Salazar, contribuindo para a legitimação do discurso de manutenção da colonização. Isto ocorre devido à pretensão, defendida pelo escritor, de se criar uma comunidade lusotropical, com uma identidade cultural unificada entre os povos lusófonos.

(...) aos poucos, porém, a tese acerca da vocação portuguesa para os trópicos foi penetrando nos círculos intelectuais e políticos portugueses. Percebeu-se a utilidade da formulação de Gilberto Freyre, uma figura de reputação internacional, cujas ideias serviram aos setores interessados em modernizar (para manter) a presença portuguesa na África, tornando compatível com os novos tempos - tempos de pressões anticoloniais vindas de toda a parte.<sup>41</sup>

Vecchi discorre sobre o lusotropicalismo e seus usos por Portugal e, analisa a ideia de uma especificidade e excepcionalidade do colonialismo português. De acordo com o autor essa especificidade reside no carácter semiperiférico do país que o promoveu, sendo um desvio à “norma colonial”, aquela proposta pelo colonialismo britânico.

(...) o colonialismo semiperiférico à portuguesa não apresenta um défice de colonialismo, mas pelo contrário um acentuação da relação colonial, sendo ela constituída efetivamente por um duplo colonialismo, o direto produzido pelo próprio Portugal, mas também o indireto e tramitado pelo próprio país colonizador, por sua vez colonizado, que representa o excesso e não um defeito de colonialismo (como emerge em algumas representações ideologicamente duvidosas).<sup>42</sup>

O autor afirma que o lusotropicalismo é de fato uma “teoria” pós-colonial assumida como justificativa do excepcionalismo do caso colonial português. O que ocorre é uma brusca inversão, do pós-colonialismo (do Brasil) e colonialismo (de Portugal), exemplo que alerta ao leitor sobre a necessidade de questionar certos pós-colonialismos e os problemas ideológicos que se desdobram. O caso português seria útil para pensarmos como uma teoria pós-colonial pode corroborar com outros tipos de

<sup>41</sup> SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Iberismo e luso-tropicalismo na obra de Gilberto Freyre*. *História da historiografia* 10, p. 75-93, 2012. p.83

<sup>42</sup> VECCHI, 2017, p. 215.

colonialismos, e terminar por fim, legitimando-os, a partir de interpretações e apropriações. O lusotropicalismo heterogêneo e fluído teria dado totais condições para tal empreitada.

(...) é importante assinalar que este modelo recriado de colonização, que conta com uma aliança, não um conflito, entre o colonizador e o colonizado, funda-se sobre um exemplo histórico e não abstrato que é o caso do Brasil (o que explica a importância do aparelho ideológico que Freyre proporciona a esta linha de interpretação). O Lusotropicalismo como obra, torna-se o meio pelo qual Portugal pode se constituir como uma periferia moderna, mas separada de qualquer outro centro, uma periferia-centro totalmente autonomizada e, sobretudo, desconexa e externa à modernização.<sup>43</sup>

A viagem oficial de Gilberto Freyre às colônias é simultaneamente o momento da explicitação teórico-formal do lusotropicalismo e o momento da sua apropriação político-ideológico por parte do regime salazarista. É ainda um dos momentos em que mais claramente se revela a (quase) convergência nacional em torno da defesa da soberania portuguesa sobre os territórios ultramarinos.<sup>44</sup> A viagem responderia, então, diretamente às necessidades de Salazar de uma justificativa científica para a manutenção de suas províncias ultramarinas em prol de um grande Portugal, integrado e unido por valores e sentimentos em comum.

Porém, é importante ressaltarmos que essa apropriação salazarista do lusotropicalismo, assim como a viagem para Portugal e suas colônias foi ao encontro dos interesses de Freyre para a comprovação de sua teoria lusotropical. Além de contribuir de maneira significativa para a difusão de sua teoria pelo mundo lusófono e conseqüentemente para a afirmação do Brasil e da brasilidade dentro do mundo lusotropical. O Salazarismo português foi uma plataforma de projeção de Gilberto Freyre e sua teoria em defesa de uma unidade cultural lusófona.

No campo historiográfico que se concentrou em analisar a relação de Gilberto Freyre, a tese do lusotropicalismo e o Estado Novo de Salazar, diferentes conclusões foram construídas. Dentre as produções acadêmicas

---

<sup>43</sup> Ibidem, p. 218.

<sup>44</sup> CASTELO, 1998, p. 95.

que analisam Freyre como um intelectual que esteve a serviço do Estado Novo, podemos citar o artigo de João Medina, professor da Universidade de Lisboa, “Gilberto Freyre contestado: o lusotropicalismo criticado nas colônias portuguesas como álibi colonial do salazarismo”, publicado em 2000, onde defende que parte da produção intelectual de Freyre esteve a serviço da ditadura de Salazar, servindo como um mecanismo ideológico do regime, caracterizando-o inclusive como intelectual do salazarismo.

Medina, afirma que o governo português explorou a fundo a cumplicidade de Gilberto Freyre, tendo sido feita uma intensa utilização político-propagandística do pensamento de Freyre. A postura adotada pelo pernambucano foi, segundo o autor, colaborativa, prestigiante, ativa e politicamente assumida. A crítica formulada pelos intelectuais africanos em razão da teoria freyreana também são exploradas por João Medina no referido artigo. O caso do cabo-verdiano Baltazar Lopes e do angolano Mário Pinto de Andrade, sendo o primeiro a denunciar o lusotropicalismo como álibi do colonialismo luso na África.<sup>45</sup>

Alfredo César Mello possui um artigo onde afirma que o lusotropicalismo foi um discurso forjado por Gilberto Freyre para legitimar a colonização portuguesa na África.<sup>46</sup> Ao analisar a recepção do lusotropicalismo por parte da intelectualidade africana, Mello afirma que o lusotropicalismo decepcionou quem outrora se inspirou em *Casa-Grande & Senzala* para questionar a colonização portuguesa e vislumbrar o Brasil como horizonte a ser alcançado. Reproduzindo a lógica da integração lusotropical a fim de justificar a permanência da condição de colônias em detrimento das aspirações dos povos africanos, que clamavam por soberania e independência.

Porém há outra corrente na historiografia que busca rever a apropriação das obras de Freyre pelo salazarismo, bem como a sua contribuição intelectual para a consolidação da Ideologia Colonial. João

---

<sup>45</sup> Sobre a crítica empreendida pelos intelectuais africanos, o caso de Cabo-Verde será melhor analisado no capítulo três pois se insere dentro do recorte cronológico que propusemos para este trabalho. Por esta razão o caso angolano não será analisado por nós. Ver mais em: MEDINA, 200.

<sup>46</sup> MELO, Alfredo Cesar. Relendo Freyre contra Freyre: apropriações contra-hegemônicas do hibridismo no Atlântico Sul. *Via Atlântica*, n. 25, p. 83-101, 2014, p. 84.



Alberto Pinto, por exemplo, apresenta Gilberto Freyre como um intelectual que lutou dentro do fascismo salazarista para tornar o lusotropicalismo uma afirmação teórico-científica hegemônica nas ciências sociais contemporâneas. O autor defende que Freyre precisou de Portugal para “(...) justificar as “factibilidades do seu modelo teórico”, deixando-se “instrumentalizar pela retórica do campo ideológico salazarista”. Mas foi uma retórica de fundação e confecção de realidades materiais e práticas concretas e não de uma pretensa comunidade imaginada”.<sup>47</sup>

Cláudia Castelo, historiadora portuguesa, defende que a relação entre Gilberto Freyre e salazarismo português se baseou em um processo de apropriação discursiva instrumentalizada do lusotropicalismo, ressaltando as diferenças observadas entre a teoria do lusotropicalismo de Freyre e a prática colonialista de Salazar e afirma que “Em relatórios confidenciais (...), emerge a abissal distância que separava a acção colonial da teoria luso-tropical”. E completa dizendo que “De facto, a colonização portuguesa no século XX, como qualquer outra, assentou em formas mais ou menos explícitas de racismo, gerou conflitos e promoveu discriminação”.<sup>48</sup>

Segundo a autora, o Estado Novo Português atua na tentativa de reverter ao seu favor o prestígio que Freyre havia alcançado no exterior, frente a comunidade internacional e instituições como a ONU, por exemplo. E ressalta que o lusotropicalismo não foi adotado como doutrina oficial do regime, servindo principalmente aos objetivos da política externa salazarista, de manutenção de sua prática colonialista. Um discurso oficial para consumo externo, forjado a partir das pressões impostas no pós Segundo Guerra Mundial.<sup>49</sup>

Segundo Jerry Dávila, os conceitos de Freyre tornaram-se tão influentes que fomentaram duas formas contraditórias de pensamento quanto à relação do Brasil com a África. Alguns brasileiros (tipicamente mais velhos e direitistas) apoiaram-no na aceitação de caráter lusófilo do

---

<sup>47</sup> PINTO, 2009, p.159.

<sup>48</sup> CASTELO, 2011, p.272.

<sup>49</sup> CASTELO, Cláudia. A recepção do Luso-Tropicalismo em Portugal. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2000.

colonialismo português como fábrica de futuros brasis. Outros (tipicamente mais jovens e esquerdistas) procuraram recuperar os elos formados entre o Brasil e a África durante o tráfico de escravos ou considerar os países africanos recém-independentes aliados naturais na construção de um mundo novo. A questão se intensifica quando as guerras de independência eclodem nas colônias africanas e a conciliação entre as duas interpretações se tornou insustentável.<sup>50</sup>

Dávila afirma que durante a década de 1960, período das guerras de independência das colônias portuguesas africanas, a postura de Freyre foi cada vez mais se aproximando do discurso do Estado Novo português que não media esforços para estimular a o apoio do mestre de Apipucos. Simultaneamente os líderes das lutas de independência na África tornavam públicas suas críticas ao lusotropicalismo de Gilberto Freyre, entendendo-o inclusive como um novo método de colonização. Exemplo importantes nesse contexto são o Angolano Mário de Andrade e o Amílcar Cabral, “pai” da independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Gilberto Freyre afirma, ao ser questionado sobre sua viagem a convite do Estado Novo português, que somente aceitou pela garantia dada a sua autonomia intelectual, servindo o aparato do Estado Novo somente de fomentador da viagem. Freyre nega que a viagem possui qualquer vínculo ideológico com o Estado Novo, estando imbuído do ideal de comprovar na prática sua tese do lusotropicalismo, o que afirma posteriormente que o fez, bem como em disseminá-la pelos territórios lusotropicals.

É inegável que o Estado Novo se utilizou da produção intelectual de Freyre, principalmente da sua tese do lusotropicalismo, para defender a manutenção das colônias portuguesas em África e Ásia, em um contexto anti-imperialista que vigorava na Europa no pós-Segunda Guerra Mundial. Porém a produção intelectual de Gilberto Freyre sofreu apropriações, adequações e interpretações no Brasil e em diferentes partes do mundo. Dentre estas várias interpretações, muitas possuem caráter contraditório e ambíguo, mesmo quando se debruça sobre a mesma obra ou teoria.

---

<sup>50</sup> DÁVILA, 2010, p.169.

Coube-nos aqui aprofundar e explorar as questões que permeiam a relação entre Gilberto Freyre e o Salazarismo e as diferentes conclusões presentes na historiografia que concernem essa discussão, revelando inclusive o caráter ambíguo e contraditório da obra de Freyre, porém pertinentes para uma análise crítica do tema apresentado.

O resultado da viagem, visando atender tanto as pretensões de Freyre quanto às solicitações feitas pelo anfitrião, deu origem à publicação de dois livros produzidos durante a viagem do sociólogo: *Aventura e Rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação* (1953) e *Um brasileiro em terras portuguesas. Introdução a uma possível luso-tropicologia acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico* (1953), coletânea de conferências e discursos proferidos durante a viagem, antecidos de “sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação” como indica o subtítulo e por isso se constituem como fonte documental deste projeto, provendo considerável material para a análise da viagem de Freyre.

*Aventura e Rotina* é uma espécie de “quase diário”, de acordo com o próprio Gilberto Freyre (1900-1987) em prefácio à edição de 1980. A obra, publicada pela primeira vez em 1953 no Rio de Janeiro e em Lisboa, reúne as principais impressões da viagem realizada pelo escritor por Portugal e suas colônias ultramarinas, dentre os anos de 1951 e 1952. Dedicaremos o segundo e o terceiro capítulos à análise desta obra, visando principalmente identificar de que maneira a civilização lusotropical de Freyre se manifesta em *Aventura e Rotina*, além de buscar compreendermos a própria teoria do lusotropicalismo pelos olhos do escritor, de quem supostamente a viu e sentiu, tanto em Portugal como na África.

O livro de conferências *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*, segundo instruções do próprio autor, foi analisado em conjunto com *Aventura e Rotina*. A obra reúne as conferências e discursos que Freyre proferiu em alguns dos lugares pelos quais passou. São textos formais dado o caráter oficial dos eventos em que Freyre discursava, mostrando a sua experiência no ultramar português de forma mais metódica e

sistematizada, não menos importante por isso. A obra é precedida de uma longa introdução, onde Freyre busca resumir Aventura e Rotina, ou seja, a sua experiência empírica de comprovação do lusotropicalismo, além de uma forte defesa em torno de uma nova ciência, a lusotropicologia.

### 3. As constantes portuguesas de caráter e ação

Gilberto Freyre foi um intelectual cosmopolita, praticamente toda a sua formação acadêmica foi realizada fora do Brasil. Após concluir sua formação no Colégio Americano Batista, em Pernambuco, Freyre parte a Universidade de Baylor, no Texas onde cursa faculdade de ciências sociais. Ao terminar sua graduação vai para Columbia, em Nova York, onde adquire o grau de mestre em artes após a publicação de sua tese *Social life in Brazil in the middle of the 19th century* (Vida social no Brasil nos meados do século XIX). Durante esse período estabelece relações com intelectuais que influenciaram fortemente seus estudos e posteriormente suas obras<sup>51</sup>. Em 1922, concluída sua pós-graduação, viaja para a Europa onde aperfeiçoa seus estudos, anteriormente à sua volta para Recife. Desde então Freyre fez diversas viagens ao exterior, onde adquiriu reconhecimento internacional, principalmente após a publicação de *Casa-Grande & Senzala*, obra que foi traduzida mundialmente.

---

<sup>51</sup> Para um estudo aprofundado sobre o campo intelectual de Gilberto Freyre, utilizando o conceito de Pierre Bourdieu, nos primeiros anos de sua formação, ver PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. SciELO-Editora UNESP, 2005.

Quando realiza a viagem que aqui nos propusemos a analisar, Freyre já havia visitado Portugal diversa vezes<sup>52</sup>. Essas viagens fortalecem os laços de Freyre com Portugal e os vínculos com os intelectuais portugueses, sendo importantes para nos auxiliar a compreender a postura nostálgica de Freyre ao regressar para Portugal em 1951. A viagem de Freyre para Portugal e suas colônias no Atlântico pode ser dividida em dois momentos. Em um primeiro momento Freyre se restringe a conhecer Portugal continental ou a parte de Portugal que se encontrava na Europa, somente em um segundo momento, após percorrer Portugal de ponta a ponta, é que se aventura pelo Ultramar. Nossa análise também caminhará nesse sentido, sendo este capítulo destinado a analisar essa primeira parte da viagem, quando Freyre ainda em Portugal busca traçar as constantes portuguesas de caráter e ação, visando analisar, principalmente, a cultura portuguesa.

O diário de viagens de Freyre, *Aventura e Rotina* e o livro de conferências *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* são fundamentais para análise da viagem do sociólogo, como havíamos dito anteriormente e por recomendação do próprio autor devem ser lidos de forma integrada, como uma espécie de complemento. Começamos por *Aventura e Rotina*. Ricardo Benzaquen (1993) afirma que

(...) se houvesse a necessidade de encontrar uma fórmula que resumisse *Aventura e Rotina*, ela talvez pudesse ser retirada da sua página 114, quando nosso autor afirma que 'explicações para costumes ou tendências que parecendo às vezes peculiares ao Brasil têm origens lusitanas.' Essa fórmula, que converte a viagem em uma espécie de ponte, um instrumento capaz de promover a busca da continuidade

---

<sup>52</sup> Durante o seminário internacional Novo Mundo nos Trópicos, realizado em março de 2000, em Recife, Manuel Correia de Andrade, em conferência intitulada "Gilberto: Portugal, Brasil e Trópico" analisa as principais viagens que Freyre realizou para Portugal, dando destaque para a viagem de 1923 quando antes de regressar a Recife após a sua temporada de estudos nos Estados Unidos, Freyre visita Lisboa por influência de Oliveira Lima. A viagem de 1930, quando precisa sair do Brasil às pressas para viver com Estácio Coimbra, viagem que o próprio denominou de "aventura do exílio". A viagem de 1937, quando retorna a Portugal como membro da delegação brasileira ao I Congresso da Expansão Portuguesa no Mundo. E finalmente a viagem de 1951-1952, quando empreende uma jornada de estudos por Portugal e suas colônias, objeto de estudo dessa dissertação. Ver mais em QUINTAS, Fátima. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2000.

entre Portugal e o Brasil.<sup>53</sup>

Aventura e rotina é um livro de viagem, ou utilizando as palavras do próprio escritor, uma espécie de “diário” de viagens. Escrito de forma fluída e íntima, leva o leitor consigo em uma tentativa de interpretação da cultura lusa, a partir dos feitos extraordinários dos portugueses pelo mundo lusófono. Apesar do seu caráter valorativo e apaixonado, buscando confirmar suas convicções sobre a cultura portuguesa já observada no Brasil, não é uma narrativa isenta de tensões, contradições e ambiguidades. As soluções encontradas por Freyre nem sempre são louváveis, mas suas formulações não serão isentas de críticas.

Segundo Cristiana Bastos, em “Aventura e Rotina um livro de meio percurso revisitado” (2015), o livro pode ser visto como a marca de uma transição entre dois momentos da obra de Gilberto Freyre entre um Freyre intérprete do Brasil, engajado na produção de um pensamento original sobre a sociedade brasileira como tributária de várias influências em que sobressai o efeito benigno da cultura portuguesa, e um Freyre crescentemente envolvido na produção ideológica sobre a colonização como devir português e particular “modo de estar no mundo”.<sup>54</sup> É justamente nessa transição que se insere a viagem de Freyre para Portugal e sua produção na década de 1950. Nesse momento, Freyre ainda não estava alinhado com o Estado Novo Salazarista, apesar de não esconder sua admiração pelo regime. Essa aliança será estabelecida posteriormente.

Em soluções, continuidades, ou hesitações, uma coisa é certa: Freyre não será mais o mesmo depois da viagem às colônias portuguesas, e a representação portuguesa de império e colônias também não será mais a mesma depois da formulação do luso-tropicalismo que Freyre assume nessa viagem e registra neste volume.<sup>55</sup>

A aventura de que nos fala Freyre, no título de seu “diário” se

<sup>53</sup> ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Guerra e paz. *Casa-grande & senzala na obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1999, p.155.

<sup>54</sup> BASTOS, Cristiana. Aventura e rotina: um livro de meio de percurso revisitado. In: CASTELO, Cláudia; CARDÃO, Marcos (Ed.) *Gilberto Freyre. Novas leituras de outro lado do Atlântico*, p. 35-48, 2015.

<sup>55</sup> BASTOS, 2015, p.38.

manifesta enquanto o processo de expansão marítima empreendido por Portugal, incorporando experiências culturais dos povos que manteve contato. Já a rotina, de forma alguma deve ser entendida como oposto de aventura, mas sim como um estágio de maturidade civilizacional a ser atingido após a aventura.<sup>56</sup> É propriamente entre a Aventura e a Rotina que o mundo lusófono é construído, difundido a cultura portuguesa, gestada na rotina das quintas, pelos trópicos atlânticos. Entender como a cultura portuguesa híbrida, mestiça e interpenetrada culturalmente se constitui é um dos desafios de Freyre em *Aventura e Rotina*, e é sobre ele que nos debruçamos neste momento.

A aventura de Gilberto Freyre pelo mundo lusófono começa por Lisboa. Nesse primeiro momento, de chegada em terras lusas, o escritor destaca em sua narrativa o encontro com as autoridades portuguesas, que o recebem assim que desembarca do avião. Para além de suas considerações sobre o sol brilhante e ofuscante do céu azul de agosto pelo qual é recebido, Freyre já demonstra sua empatia para com o governo português. A condição de hóspede do Estado Novo Português, parece não se confrontar com o caráter de estudos da viagem, segundo a percepção do próprio escritor. Freyre assegura que esta empreitada será feita a partir de seus olhos de estudante, uma viagem de estudos.

Lembro-me de que sou hóspede do Estado. Iniciativa do Ministro do Ultramar, é uma gentileza que eu, ligado a portugueses de diversas condições e ideologias, julgo-me no direito de considerar gentileza nacional. No direito e no dever. Desço do avião considerando-me hóspede de Portugal e não apenas de seu honrado governo.<sup>57</sup>

O convite para a viagem partiu do Ministro do Ultramar português, Sarmento Rodrigues e Freyre o encontra logo após sua chegada, no Ministério do Ultramar. Sobre o Ministro, Freyre afirma que apesar de ter recusado a viagem em um primeiro momento, o seu poder de persuasão o fez mudar de ideia, anulando todas as suas resistências e dúvidas. E

---

<sup>56</sup> ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Castelos no Ar: Notas sobre Portugal em *Aventura e Rotina*. SEMINÁRIO INTERNACIONAL NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2000, p.157.

<sup>57</sup> FREYRE, Gilberto. *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. J. Olympio, 1953, p. 3.

decide, somente em Portugal, que após passar um tempo com a família em Lisboa, partirá para o Ultramar Português. As aspirações de Freyre se concentram, neste momento, no seu desejo de conhecer o mundo português ainda não acabado e vê-lo com seus próprios olhos.

Do Ministro do Ultramar é que me veio o convite, para, de volta da França, demorar-me em Portugal; e de Portugal ir ao Ultramar Português, numa viagem que ele deseja que dure um ano. Seu empenho é que eu percorra o Ultramar com olhos de homem de estudo. Com olhos livremente críticos. Que veja da África, do Oriente, das ilhas os defeitos e não apenas as virtudes.<sup>58</sup>

O que podemos observar em seguida, é que no período que esteve em Portugal, anteriormente a sua partida para África, Freyre elabora uma narrativa nostálgica, mergulhada em suas lembranças de um Portugal que outrora havia conhecido, face às inúmeras modificações facilmente vistas na capital portuguesa. E reforça, constantemente a estreita relação com o Brasil. A começar pela cidade de Lisboa. “Meus olhos de homem do Brasil, vêm em Lisboa não só uma das cidades mais belas da Europa como uma cidade mãe de cidades brasileiras”.<sup>59</sup>

Sobre Lisboa, o escritor tece uma crítica positiva e interessante sobre a maneira como a modernidade foi incorporada pela cidade, de forma harmônica e conciliadora, unindo o novo com o velho, atravessando séculos sem envelhecer. “A cidade se renova sem renegar seu passado nem deformar sua paisagem em traço essencial”.<sup>60</sup> Essa narrativa em busca das ausências e permanências, no que diz respeito aos hábitos, trajes, costumes preenchem boa parte das considerações do escritor sobre Portugal. São olhos do passado, que embora olhem para o presente, buscam assegurar o lugar desse mesmo passado, no futuro. Passado, presente e futuro juntos. O tempo para Freyre é trípico.<sup>61</sup>

---

<sup>58</sup> Ibidem, p.5.

<sup>59</sup> Ibidem, p.6.

<sup>60</sup> Ibidem, p.7.

<sup>61</sup> Sobre a noção de tempo trípico para analisar a concepção freyreana de tempo, ver: SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. Algumas Influências na Formação Intelectual de Gilberto Freyre. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS. Recife: Fundação Gilberto Freyre**, 2000, p.119 -123.



Lisboa surge como ponto de referência para a análise dos aspectos sócio-culturais de Portugal, sendo o lugar onde confluem e se manifestam as especificidades do caráter do português. Fortemente inserido na cultura portuguesa, o escritor nos parece focar em observar o que não deveria ter sido sucumbido com o passar o tempo e garantir o que precisa ser preservado, nos diferentes aspectos na rotina portuguesa. Após percorrer cidades mais interioranas, onde ainda é possível encontrar o tradicional, Freyre se alegra de ver a conciliação entre o provinciano e o moderno. Segundo ele, algo já raro no Brasil.

(...) em Portugal, Lisboa ainda é um tanto província e não apenas subúrbio no seu modo de ser grande cidade. Mas já bastante metrópole para precisar de que constantemente lhe refresque os estilos nacionais de vida o contacto com cidades autenticamente provincianas: Évora, Braga, o próprio Porto, este Porto que é em Portugal uma espécie de São Paulo com alguma coisa de Salvador e do Recife.<sup>62</sup>

Gilberto Freyre, nos meses que esteve em Portugal realizou inúmeras visitas às cidades portuguesas, de norte a sul, analisando e escrevendo sobre as particularidades dessa terra que apesar de pequena em dimensões territoriais, possui uma diversidade enorme. Grande parte da narrativa freyreana, nesse primeiro período, relaciona-se às suas impressões sobre o povo português, de que maneira ele transformou sua rotina frente às influências que sofreu em seu próprio território e como se adaptou às adversidades que encontrou na aventura empreendida pelo além-mar.

O resultado da experiência portuguesa no atlântico, seria então a cultura lusotropical, que embora fluída e heterogênea, formou uma comunidade que partilha sentimentos e afinidades de cultura, que se reconhece no outro pela sua língua, sua mistura e sua essência. O que Freyre recupera em sua narrativa é a maneira como esse empreendimento foi possível e quais foram os mecanismos que o possibilitou. O caráter do português foi crucial para seu sucesso civilizatório e é analisado pelo escritor através de suas principais características, suas preferências, pendores e influências. Além de buscar compreender como a cultura

---

<sup>62</sup> Ibidem, p. 72.

lusotropical se manifestava e se alicerçava no mundo lusófono naquela altura.

Em passeio para Sintra ainda com sua família, por exemplo, Freyre destaca o papel ocupado pelas quintas no imaginário português. Símbolo da adequação do português à terra, representa a rotina portuguesa, o apego a sua terra e suas raízes, ao mesmo tempo que remete à saudade de casa de quem se aventura, é de onde se sai e para onde se quer regressar.

Sinal que a quinta, entre outras virtudes, tem tido a de domesticar em Portugal os exotismos vindo dos trópicos, ao ponto de harmonizá-los com as velhas árvores desta parte já quase tropical da Europa. A quinta é também uma expressão do pendor português para harmonizar valores tropicais com os europeus.<sup>63</sup>

Outro aspecto, característico do português, que Freyre ressalta em seu “diário” é a antecipação portuguesa sobre a caracterização das cores, em língua europeia. Os portugueses devido seu contato com o Oriente e com os trópicos, teriam sido os primeiros a descobrir cores próprias das riquezas naquelas regiões, nos frutos, árvores, flores, animais. Porém tece uma crítica sobre o processo de assimilação dessas mesmas cores na cultura portuguesa.

Um aspecto da cultura portuguesa, penetrada, como nenhuma da Europa, por sugestões ou influências dos trópicos e do Oriente, permanece até hoje inexplicável para mim: o fato de, depois de se haver antecipado o português aos demais europeus no descobrimento de cores próprias às regiões tropicais, não se ter avantajado ao holandês ou espanhol (...) ou francês (...) na assimilação estática daquelas cores, daquelas influências e daquelas sugestões. Assimilação que se manifestasse em pinturas quer de figura humana quer de paisagem.<sup>64</sup>

Ainda sobre a questão das cores, Freyre se mostra inconformado com a ausência de pintores portugueses. “A pintura portuguesa é mais pobre do que rica; e sem que a destaque ou assinale o tropicalismo ou orientalismo amigo das cores quentes, que assinala arquitetura, a

---

<sup>63</sup> FREYRE, 1980, p. 25

<sup>64</sup> Ibidem, p. 37.

cerâmica, e, principalmente a literatura lusíada”<sup>65</sup> Porém, em compensação, segundo o escritor, a literatura portuguesa é riquíssima.

A ida da família Freyre ao zoológico de Lisboa também é um episódio interessante retratado por Freyre em seu “diário”. Novamente o português é exaltado pelas suas conquistas, aqui como aqueles que foram os primeiros a revelar aos europeus animais de África e Ásia, como haviam feito com as plantas, as flores e as cores. Mas novamente estabelece uma crítica, agora sobre as condições do zoológico. “O zoológico (...), é, para uma cidade com as responsabilidades de centro europeu de todo o sistema lusotropical de cultura como é Lisboa, medíocre”.<sup>66</sup>

Freyre em seu “diário” explicita claramente sua defesa em torno do Lusotropicalismo, caracterizando-o como um sistema capaz de definir o que resultou da aventura portuguesa nos trópicos e no Oriente. Uma síntese da Europa com os trópicos, do Oriente com o Ocidente.

(...) o português não apenas um europeu mas o criador de um sistema extra-europeu de vida e de cultura, corajosamente assimilador da África negra e não apenas morena ou árabe. Assimilador de índios no Oriente e de ameríndios no Brasil. Lusotropical é como creio que se deve caracterizar tal sistema, que dá a cultura lusíada condições excepcionais de sobrevivência na África, na América e no Oriente.<sup>67</sup>

Essa constatação parece ficar cada vez mais clara para o escritor, na medida em que vai se aproximando no extremo sul de Portugal, tão próximo da África por dimensão territorial, mas também cultural. Quando visita o Algarve, por exemplo, afirma que “O Algarve já é um tanto África”.<sup>68</sup> A cor da pele de seus habitantes, castigada pela sol, é quase toda morena ou enegrecida.

Já em Lagos a relação de proximidade é estabelecida com o Brasil por, principalmente, seu passado histórico escravocrata e miscigenado. Era de Lagos de onde partiram as caravelas para o atlântico ainda

---

<sup>65</sup> Ibidem, p.37.

<sup>66</sup> Ibidem, p.46.

<sup>67</sup> Ibidem, p. 87.

<sup>68</sup> Ibidem, p.88.

desconhecido e por onde chegavam os negros escravizados para serem convertidos ao cristianismo e trabalharem em terras portuguesas.

Em Lagos sinto-me em contato com uma história que vem sendo de Portugal e já é do Brasil. Tendo vindo para aqui os primeiros grupos numerosos de cativos africanos, em Lagos é que o português adquiriu impulso para importador e distribuidor de escravos africanos; e deste impulso é que resultou formar-se um Brasil de casas-grandes e senzalas do qual, por sua vez, resultaria outro Brasil, este mestiço e com outros sangues e valores além do português, do africano e do ameríndio, a darem vigor a seu desenvolvimento em nação ou cultura americana. Cultura na qual ressurgem sob novas formas, valores europeus, africanos, ameríndios.<sup>69</sup>

Voltando à Lisboa, Freyre, refletindo sobre o movimento da revista literária *Presença*, em Portugal, defende a iniciativa de se criar uma revista literária que reunisse todos os escritores de língua portuguesa, não se resumindo à Brasil e Portugal. Inseridos em um sentido transnacional de expressão literatura e com o mínimo de independência de ideologias políticas.

Lusotropical me parece a expressão própria a definir o que há de comum às civilizações de origem portuguesa, cuja proteção sobre áreas quase todas tropicais são animadas por um sentido tropical de paisagem, de vida, de cultura, só modificado ou alterado por variações secundárias de região ou de província.<sup>70</sup>

Ao elaborar esse sistema integrado lusotropical, o escritor defende que “(...) fronteiras nacionais sejam alargadas em lusotropicais, sem que de modo algum se despreze o que há de basicamente provincial ou regional dentro do complexo.”<sup>71</sup> Há uma forte ideia de síntese presente no que Freyre propõe em sua teoria, porém não há exclusão das partes formadoras, mas sim uma unidade, formada por um entrelaçamento cultural. Uma “(...) cultura comum: comum não só a Portugal e ao Brasil como toda uma constelação de províncias que já não se denominando

---

<sup>69</sup> Ibidem, p.95.

<sup>70</sup> Ibidem, p.106.

<sup>71</sup> Ibidem, p.107.

“colônias” são tão “províncias” ou “regiões” do mundo português como são o Algarve ou Trás-os-Montes, São Paulo ou o Nordeste do Brasil”.<sup>72</sup>

Ainda sobre a cultura portuguesa e sua tentativa de esmiuçar suas características, Freyre nos fala da culinária portuguesa, elencando o azeite, o bacalhau e o vinho como ícones. “Mas a verdade é que acompanhadas de bom azeite e de bom vinho o bacalhau é uma das melhores expressões da cultura portuguesa. Cultura no sentido sociológico em que a broa é também um genuíno valor português e o caldo verde, outro”. (FREYRE, 1980, p.134)

Já a doceria portuguesa está cheia de brasileirismos, segundo Freyre o que se justifica pelo fato de o Brasil ter suprido durante séculos Portugal com o ingrediente. Inicialmente era restrito a cozinhas ricas e, principalmente, cozinhas de convento que funcionaram como verdadeiros laboratórios.

Explica-se assim que sobre cada uma das velhas regiões portuguesas tenha-se projetado a influência de um convento, a combinar temperos, condimentos, açúcares do Ultramar com antigas particularidades regionais de fruto ou do leite, de trigo ou de toucinho.<sup>73</sup>

Freyre permanece adentrando Portugal e registrando tudo aquilo que de alguma maneira lhe é relevante para entender cultura portuguesa e seu povo. Em Vila Real, afirma:

(...) lembrei-me dos aventureiros portugueses, fundadores de novos mundos, partiram para o desconhecido levando principalmente consigo, como paisagens ideais, estas, romanticamente acidentadas, do Norte de Portugal; e as do Algarve. E nos trópicos, procurando prolongar tais paisagens, encontraram uma natureza favorável a esses prolongamentos nostálgicos.<sup>74</sup>

Em São Bom Jesus dos Monte, onde há um santuário, o sociólogo se dedica a escrever sobre o povo e sua forte devoção. Segundo o autor, é uma gente lusitana dos pés à cabeça, gente que o Brasil precisa para continuar firme num lastro português, tanto de raça quanto de cultura.

---

<sup>72</sup> Ibidem, p.107.

<sup>73</sup> Ibidem, p.140.

<sup>74</sup> Ibidem, p.155.

Nesse sentido, Freyre nos parece claramente defender a permanência da expansão portuguesa pela África e pelo Brasil.

(...) é uma gente que se dependesse de mim, iria, metade para o Brasil e para África com a outra metade conservando-se em Portugal, como reserva de “raça” nem tanto no sentido biológico como no sociológico. É gente autenticamente portuguesa em suas virtudes como nos seus defeitos. Sabe levar Portugal para onde vai - contando que não seja país de clima frio (...). É no trópico que ele sabe se conservar.<sup>75</sup>

Em Aveiro, em meio seus barcos portugueses característicos da região, e da ligação de seus habitantes, em sua maioria pescadores, com a terra em que vivem, Freyre tece considerações sobre aquela que poderia ser a filosofia da região, e conseqüentemente do povo português.

Quem nega a capacidade do português para a lavoura, supondo-o grande só na aventura marítima, ignora o que tem sido aqui a obra a princípio tão aventureira, hoje mais de rotina que de aventura, do beirão também a seu modo anfíbio, equilibrado prudentemente entre o mar e a terra: “nem tanto ao mar, nem tanto à terra” parece vir sendo a sua filosofia. Filosofia intensamente regional, destas populações da “ria”. Filosofia, de modo intenso, de todo bom português.<sup>76</sup>

Sem abandonar seu caráter descritivo e utilizando fontes diversas Freyre nos envolve em sua narrativa quase como se estivéssemos viajando com ele e a partir das minúcias, detalhes e aspectos culturais, o escritor comprova sua teoria lusotropical. Freyre atribui três características principais ao seu projeto, uma civilização moderna, do futuro e lusotropical. Seu aspecto moderno provém de uma modernidade plástica, amolecida e defendida por Freyre, que olha principalmente para o passado. É uma modernidade pensada para os trópicos e suas particulares regionais que não são dissolvidas ao entrarem em contato com a cultura do português.<sup>77</sup> Freyre a define como do futuro pois seu projeto civilizacional ainda não foi

<sup>75</sup> Ibidem, p.165.

<sup>76</sup> Ibidem, p.184.

<sup>77</sup> A questão da modernidade em Freyre é uma temática muito ampla que percorre praticamente toda a sua obra, não houve tempo hábil para que nos dedicássemos a esse tema, dado o curto período de tempo disponível durante o mestrado e a sua complexidade e dimensão. Como sugestão de leitura, segue a referência do artigo de Sérgio Tavaloro: TAVOLARO, Sergio BF. Gilberto Freyre e nossa “Modernidade Tropical”: entre a originalidade e o desvio. **Sociologias**, v. 15, n. 33, 2013.

totalmente concluído, tendo o Brasil papel de vanguarda em relação às colônias ultramarinas portuguesas, ainda em processo desenvolvimento econômico, político e cultural. Lusotropical, pois, foi possibilitada a partir da experiência lusa nos trópicos, que reuniu a principal característica do povo português, a capacidade de equilibrar opostos em uma unidade sincrética e harmônica. Incorporando o novo, preservando o passado e se projetando no futuro.

Os equilíbrios em antagonismos, ou seja, pares que embora antagônicos em sua essência se complementam, são fundamentais para compreendermos a maneira como o lusotropicalismo de Freyre se estrutura. Um caso exemplar é a relação entre tradição e modernidade, construída por Freyre. A modernidade para Freyre deve ser estar justamente amparada na tradição, preservando-a em detrimento da modernização que só olha para o futuro e se esquece de seu passado. Porém, o antagonismo mais reforçado por Freyre em seu “quase diário” é justamente aquele que intitula a sua obra: *Aventura e Rotina*.

Outro par analisado por Freyre são personagens da aventura portuguesa: o mouro e o frade. Freyre os elenca como presenças cruciais por trás dos principais valores de paisagem ou de cultura. Ambos teriam amansado no Ultramar, para Portugal e o Cristianismo, paisagens brutas, atribuindo-lhes valor estético e social “Sem eles não se explica a paisagem, do mesmo modo que não se explica a cultura portuguesa”.<sup>78</sup> Retirá-los causaria um desequilíbrio à paisagem, tornando-a confusa e incompreensível.

Os frades foram alguns dos primeiros missionários no Oriente e na África, e, ao concorrerem com os islâmicos na conquista por fiéis, teriam assimilado sua sabedoria para a ação nos trópicos. Até por uma questão de estratégia de ocupação, os frades entenderam a necessidade de se inteirar dos conhecimentos árabes, depois de reconhecerem sua superioridade científica e a dimensão do seu conhecimento filosófico. Ao se aproximarem dos mouros, teriam se tornado um pouco “maometanos” também, o que teria permitido a persistência do sincretismo nas terras tropicais.<sup>79</sup>

---

<sup>78</sup> Ibidem, p. 30.

<sup>79</sup> MIRANDA, Rachel de Rezende. *Além-mar. Aventura e Rotina: o lugar do Brasil no mundo luso-tropical de Gilberto Freyre*. 2002. Dissertação (Mestrado em História Social

Freyre retoma essa questão posteriormente e comenta sobre a participação do frade e do mouro na formação do carácter português. “O mouro deixou aqui um pouco de si próprio e o frade outro tanto (...). O frade, em vez de destruir o mouro, assimilou-o. Conservou-se assim, na paisagem, a sensualidade desenvolvida aqui por um invasor com o sentido maometano da vida”.<sup>80</sup> Detalhes que outrora poderiam passar despercebidos, são apreendidos por Freyre, analisados com minúcia e interpretados em sua contribuição para o carácter do português e sua ação nos trópicos.

De acordo com Benzaquen, em *Guerra e Paz* (1993), os paradoxos estão vivamente presentes na argumentação de Gilberto Freyre, porém estes estão submetidos a um processo de equilíbrio e aproximação. Não há um mecanismo de anulação durante o processo de síntese entre os paradoxos apresentados na análise da sociedade colonial brasileira. O autor nos fala do “(...) talento de Gilberto em aproximar visões diferentes, antagônicas até, sem dissolvê-las ou mesmo reduzir consideravelmente a sua especificidade”.<sup>81</sup>

Para ele (Freyre), o que importa é o estabelecimento de uma ampla troca de experiências, na qual, aliás, a participação da senzala é tão ou mais ativa quanto a da casa-grande, não só espalhando-se pela comida, pela língua, pelo folclore, pela higiene, pelo sexo e por inúmeras outras práticas e instituições, como também dando origem a uma experiência social marcadamente aberta, capaz de aproximar antagônicas influências culturais sem, contudo, procurar fundi-las em uma síntese mais totalizante.<sup>82</sup>

Seguindo com a argumentação de Benzaquen, não é que não exista nenhuma preocupação com a unidade, neste sentido: ela até ocorre, mas nunca de forma rotineira ou sistemática, parecendo sempre haver uma folga insuperável na relação que se estabelece entre as partes e o todo, o qual, conseqüentemente, termina sendo visto muito mais como uma

---

da Cultura)–Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, PUC/Rio de Janeiro, 2002. p, 35.

<sup>80</sup> FREYRE, 1980, p. 54-55.

<sup>81</sup> BENZAQUEN, 1993, p.10.

<sup>82</sup> Ibidem, p.57-58.



possibilidade eventual que como uma forma obrigatória e preexistente da ideia de sociedade.

A noção de antagonismos em equilíbrio, chave para a compreensão do português e das relações entre casa-grande e senzala, mostra-se fundamental para o delineamento da perspectiva analítica de Freyre, exímia em aproximar antagonismos e que, por isso mesmo, projeta uma visão de cultura e de sociedade como unidades precárias e sincréticas, marcadas pela convivência tensa, mas sempre equilibrada, de opostos.<sup>83</sup>

O tema que possui protagonismo nessa obra é a cultura. Aqui consideramos necessária uma pausa, na tentativa de compreendermos o conceito de cultura mobilizado por Gilberto Freyre, para tal é necessário retornamos à sua formação intelectual e acadêmica. Durante seus estudos em Colúmbia, nos Estados Unidos, Freyre foi orientado por Franz Boas<sup>84</sup> (1858-1942). Boas era oriundo de uma família judaica havia migrado para os Estados Unidos em 1888. Em Colúmbia desenvolveu estudos antropológicos em oposição as principais escolas da época, com destaque para ao darwinismo, baseados na descrição mais acuradamente possível de uma cultura.

Margarida Maria Moura em sua obra: *Nascimento da Antropologia Cultural - A Obra de Franz Boas* fez um resgate completo da trajetória intelectual de Boas, ressaltando suas principais contribuições na formação da antropologia cultural. Segundo a autora, Franz Boas fundou um campo intelectual novíssimo, a partir da inversão das premissas dominantes nas ciências humanas do século XIX. Foi com a publicação de seu *The Mind of Primitive Man* (A mente do homem primitivo) em 1911, que Boas, pela primeira vez, separa a noção de raça da noção de cultura. Pode-se dizer que a separação da noção de raça da noção de cultura foi uma das maiores

<sup>83</sup>PEIXOTO, Fernanda Arêas. Equilíbrio e risco: a vitalidade de Guerra e Paz. **Sociologia & Antropologia**, v. 7, n. 2, p. 611-621, 2017, p. 613.

<sup>84</sup>Franz Boas (1858 -1942) foi um antropólogo americano, um dos pioneiros da antropologia moderna. Gilberto Freyre foi seguidor de Boas, tendo estabelecido estreito contato com o antropólogo durante seus estudos na Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos. Lá, Franz Boas desenvolveu o primeiro departamento de Antropologia dos Estados Unidos.

contribuições de Boas para a antropologia, incorporando à noção de cultura a abordagem cultural, a abordagem biológica e abordagem linguística.

A noção de cultura boasiana nesse sentido, defende que a cultura é o principal condicionante dos atos humanos, definindo-a como:

(...) a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam a conduta de indivíduos que compõem um grupo social, coletiva e individualmente, em relação ao ambiente natural, a outros grupos, aos membros do próprio grupo e a cada indivíduo consigo próprio. Ela também inclui os produtos dessas atividades e seu papel na vida dos grupos.<sup>85</sup>

Sobre a questão racial, segundo Moura, a partir da leitura dos vários textos de Boas fica evidente que existe uma grande plasticidade dos tipos humanos, e também uma grande instabilidade dos tipos humanos. Em detrimento da crítica aos tipos raciais puros, os quais Boas vincula a interesses ideológicos, a defesa da teoria da descendência racial determinando o comportamento mental também não se sustentou na prática.<sup>86</sup>

Para que os defensores das teorias raciais possam provar que um certo tipo de comportamento e explicassem assim que este pertence a um tipo racial, teriam que demonstrar que o tipo de comportamento em questão é característico de todas as linhas genéticas que compõe a raça. Estas provas nunca foram oferecidas e os fatos conhecidos contradizem a possibilidade de um comportamento uniforme de todos os indivíduos e das linhas genéticas de uma raça.<sup>87</sup>

Nesse sentido, a contribuição de Boas se estende para além do campo da antropologia cultural. “Por este motivo fundou, de fato, um campo intelectual novo tanto para a antropologia física como para a antropologia cultural como para a linguística. Tríplice paternidade, portanto.”<sup>88</sup>

A linguística também ocupa papel central na obra de Boas, traçando um caminho totalmente singular nesse campo de estudos, contribuiu de forma inestimável ao desenvolvimento da linguística contemporânea. Para

<sup>85</sup> MOURA, Margarida Maria. *Nascimento da antropologia cultural: a obra de Franz Boas*. Editora Hucitec, 2004, p.139-140.

<sup>86</sup> MOURA, 2004, p.169.

<sup>87</sup> Ibidem, p.170-171.

<sup>88</sup> Ibidem, p.171.

Boas cultura e língua se ligam de modo indissociado e devem ser pensadas e analisadas em correlação. A língua para Boas é justamente a imposição de significados ao som, sendo uma especialidade também do antropólogo e não apenas do linguista.<sup>89</sup>

Raça, língua e cultura, nome dado pela autora Margarida Moura ao capítulo que aqui analisamos dialoga de forma estreita com a obra de Gilberto Freyre e nos mostra como as influências de Boas são sentidas na obra de Freyre para além de *Casa-Grande & Senzala*.

E será das mãos de Franz Boas que Gilberto Freyre receberá o instrumental necessário para elaborar uma argumentação com aspirações de cientificidade sobre a plástica da cultura luso-católica, plasticidade essa que permitirá a miscigenação do povo português com o índio e o negro, formando um povo adequado a vida nos trópicos. (...) Esse é o argumento básico de *Casa-Grande e Senzala*.<sup>90</sup>

Com Boas, Freyre aprenderá a distinguir raça e cultura e analisar os diferentes estágios de civilização a partir de heranças culturais e das influências do meio. O próprio Freyre afirma, em prefácio à *Casa Grande e Senzala*, que Franz Boas é a figura mestre que havia lhe causado, até momento, maior impressão.

Foi o estudo de antropologia sob a orientação do professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor - separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio.<sup>91</sup>

Apesar de Freyre assegurar que foi através desse critério de diferenciação que *Casa-Grande & Senzala* foi construído, o escritor sofreu duras críticas que o acusavam de não ter conseguido realizar a separação entre raça e cultura que propunha. A principal delas talvez seja a de Luiz Costa Lima, em sua obra *O aguarrás do tempo* (1989), onde afirma que

<sup>89</sup> Ibidem, p.171-172.

<sup>90</sup> ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Castelos no Ar: Notas sobre Portugal em *Aventura e Rotina*. SEMINÁRIO INTERNACIONAL NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2000, p.122.

<sup>91</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933, p.32.

Freyre não teria desvinculado os dois conceitos: raça e cultura, apenas atribuído maior ênfase ao segundo.<sup>92</sup>

Ricardo de Araújo Benzaquen, em *Guerra e Paz*, apresenta um argumento que visa compreender a maneira como a raça permanece em Freyre, a partir de um outro viés, divergindo assim de Costa Lima.<sup>93</sup> “Freyre teria assimilado uma noção *neolamarckiana* de raça, que exigiria a mediação do meio físico, enquanto elemento adaptador capaz de incorporar, transmitir e herdar características culturais. Assim, “raça” seria antes um “produto”, um “efeito”, do que causa da combinação entre meio e cultura. Raça seria uma transformação cultural modificada e adaptada ao meio.<sup>94</sup>

O que é interessante destacar é o predomínio do elemento cultural sobre a raça, estando esta última, subordinada a cultura. De fato, a discussão sobre cultura permanece com protagonismo nas obras de Gilberto Freyre, posteriores à *Casa-Grande & Senzala*. Em *O mundo que o português criou (1940)*, a expressão ou o conceito de cultura sai da esfera antropológica ou sociológica para adquirir um sentido político. O autor defende a necessidade de uma cultura lusotropical como essencial ao nosso desenvolvimento autônomo, em face de qualquer imperialismo - o imperialismo econômico seria, por inclusão, um imperialismo de cultura. Já a cultura lusotropical, transnacional ou híbrida, nas palavras de Freyre, adquire caráter unificador, integrador e qualitativo.

Essa expressão cultura já saiu da esfera antropológica ou sociológica - o sentido em que a emprego ordinariamente é o antropológico ou sociológico - para adquirir um sentido político que de modo nenhum devemos desprezar, na nossa qualidade de povo jovem, espalhado por um território vasto e muito visado por sistemas políticos europeus, nos seus sonhos de penetrações culturais que façam das vezes das muito mais difíceis expansões territoriais.<sup>95</sup>

Criticando os que defendem uma pureza étnica, que para ele é algo que não se sustenta na prática. A unidade cultural freyreana é justamente

---

<sup>92</sup> Cf. Lima, 1989.

<sup>93</sup> Para melhor aprofundamento sobre essa divergência entre os autores, verificar SOUZA, 2000.

<sup>94</sup> ARAÚJO, 1993, p. 39 in SOUZA, 2000, p. 73.

<sup>95</sup> *Ibidem*, p. 21.

a defesa do oposto do puro, ou seja, é o resultado da miscigenação, da interpenetração de culturas, da mistura. Uma cultura transnacional que apesar de dinâmica e fluida, foi essencializada e homogeneizada pelo sociólogo: “unidade não só nacional, como transnacional, baseada em afinidades de cultura e de comportamento que excedem as fronteiras simplesmente políticas para se firmarem em muralhas de cultura viva”.<sup>96</sup> Essas muralhas por sua vez não isolam os povos que a compõe dos outros, mas atribui uma personalidade e uma moral entre eles.

Para o mundo transnacional ou supranacional que constituímos, pelas nossas afinidades de sentimento e de cultura, portugueses e lusodescendentes, a mestiçagem representa, ao mesmo tempo que um elemento de integração - porque a atitude idêntica para com o mestiço vem criando consequências de ordem social e cultural semelhantes - um elemento de diferenciação e, por conseguinte, de criação de iniciativa, de originalidade.<sup>97</sup>

A década de 1940 e as conferências realizadas por Gilberto Freyre naquele momento foram fundamentais para o aprimoramento de sua teoria do lusotropicalismo. Ao introduzir um novo e poderoso conceito de cultura lusotropical e transnacional, Freyre defende a existência de uma unidade de sentimento e de valores, que ultrapassa o plano regional e nacional e cria uma muralha de cultura<sup>98</sup>, a partir da integração dos portugueses com os povos tropicais e da troca de padrões culturais, supostamente criando sociedades sincréticas e harmônicas.

Ou seja, conceito de cultura no qual Freyre se debruça para elaborar sua teoria gira em torno da defesa de uma unidade, um todo partilhado por diversos e distintos povos. Dessa forma, Freyre corrobora assim com a interpretação de Boas e sua defesa de cultura enquanto “totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam a conduta de indivíduos que compõem um grupo social” e também atrela a cultura a língua, sendo elas também indissociáveis.

Para o pernambucano, o fator unificador e possibilitador dessa

---

<sup>96</sup> Ibidem, p.30.

<sup>97</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>98</sup> A referida expressão “muralha de cultura” foi utilizada por Freyre em seu texto “Aspectos da influência da mestiçagem sobre as relações sociais e de cultura entre portugueses e lusodescendentes”, publicado em *O mundo que o português criou*, de 1953.

unidade cultural é a língua portuguesa e os valores em comum partilhados, resultado direto da colonização. As diferenças regionais e nacionais não são excluídas para formar a comunidade lusotropical, mas são incorporadas e integradas na cultura lusotropical, que faz de quase todos nós, portugueses e lusodescendentes, indivíduos transnacionais.

A cultura para Freyre “ao contrário dos indivíduos, (...) não seriam organismos definidos, e essa seria uma das razões que explicariam uma possível unidade sem anulação da diversidade”.<sup>99</sup> O resultado da experiência portuguesa no além mar, seria então a cultura lusotropical, que embora fluída, formou uma comunidade que partilha sentimentos e afinidades de cultura, que se reconhece no outro pela sua língua, sua mistura e sua essência heterogênea. O que Freyre recupera em sua narrativa é a maneira como esse empreendimento foi possível e quais foram os mecanismos que o possibilitou.

Em *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*, livro que complementa *Aventura e Rotina*, Gilberto Freyre primeiramente apresenta uma longa introdução onde parece sistematizar suas conclusões acerca das características do povo português e o mundo que havia criado. A narrativa aqui adquire certo rigor e estruturação que não estavam presentes em *Aventura e Rotina*. O próprio autor nos diz que as duas obras devem ser analisadas conjuntamente, uma a completar a outra. As suas impressões de viagem, mais soltas e despreocupadas, ao lado de uma tentativa de estruturação de seus argumentos em defesa da sua teoria lusotropical. Em um segundo momento surgem os discursos e conferências realizadas por Freyre durante sua viagem. São ao todo quatro conferências e vinte e três discursos, dentre eles vários agradecimentos de Freyre as autoridades portuguesas e aos anfitriões dos lugares pelos quais passou.

Freyre inicia sua introdução discorrendo sobre o que ele denomina de dualidade do português, o intelectualismo e ativismo. Esses pares, quase sempre opostos, já aparecem fortemente ressaltados em *Aventura e Rotina*, como analisamos anteriormente. O escritor ao analisar o caráter do português tão complexo e controverso, encontra a saída dos “equilíbrios

---

<sup>99</sup> MIRANDA, 2002, p. 19.

em antagonismo” na sua tentativa de compreendê-lo. Essa dualidade de tendências contraditórias, segundo Freyre, causa por vezes uma guerra civil, do ponto de vista sociológico, sendo essas contradições suficientes para preencher a narrativa de Ulysses de James Joyce. Sem o ativismo e o intelectualismo do português não teria sido possível a expansão de um novo edifício verbal, ainda não acabado, e de uma nova estrutura de cultura, ainda em formação.

Freyre afirma que o que possibilitou a permanência nos trópicos e no Oriente pelo português foi principalmente sua característica de povo menos imperial e europeu, aliada à sua condição de povo arabizado, israelitizado e orientalizado. “(...) o português é, no Oriente, em Moçambique, na Angola, na Guiné, em São Tomé, em Cabo-Verde, na América, menos um povo imperialmente europeu que uma gente já ligada pelo sangue, pela cultura e pela vida dos povos mestiços e extra-europeus”.<sup>100</sup> O escritor nos chama atenção para o fato do próprio africano dividir os homens em pretos, europeus e portugueses, situação que o próprio teria presenciado no Congo. O que para os leitores da obra de Freyre não é nenhuma novidade, pois essa questão já havia sido enunciada desde Casa Grande e Senzala. O ineditismo nesse caso, vem da comprovação empírica de Freyre, após ter presenciado a maneira como africanos, por exemplo, se dirigem e relacionam com os portugueses.

A experiência de assimilação de africanos por Portugal se deu desde o século XV, segundo o autor, seguindo as crônicas de Azurara, cronista português da época. Esse processo havia sido testado primeiramente nas casas-grandes de Portugal e nas plantações no Alentejo, antes de realizar-se na África, no Brasil e no Oriente. “As aventuras de sexo dos portugueses em terras tropicais quase sempre tomaram o rumo da rotina ou da ordem ou da tradição *familiar* cristã e da estabilização imediata e, quanto possível, completa, de mestiços, doutro modo irrequietos e indecisos entre portugueses e cristãos”.<sup>101</sup> O sociólogo atribui este fato a um motivo

---

<sup>100</sup>FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas: introdução a uma possível luso-tropicologia, acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico*. Ed. É Realizações. 2010. p.25.

<sup>101</sup> Ibidem, p. 35.

principal, a necessidade de Portugal aumentar seu capital-homem que era extremamente necessária para a efetiva ocupação das terras do Ultramar. A relação de miscigenação e assimilação que Portugal havia estabelecido com os trópicos, pode ser explicada pelo viés tanto do pender a uma miscibilidade, devido o passado de influência moura, quanto a uma questão prática, a ausência de homens portugueses para fixação nos territórios tropicais. O ponto é, por um motivo ou outro, o português criou laços com a terra e se fixou permanentemente. Forma muito diferente da até então observada em outros tipos de colonização europeia.

Retomando o diálogo estabelecido com Franz Boas, Freyre resgata um curso que teve a honra de dirigir ao lado dele, em Colúmbia, nos anos de 1938 e afirma que seu professor havia se dedicado ao estudo do negro na África. Boas ressaltava principalmente o triunfo maometano na África, em contraste com o fracasso europeu, sucesso atribuído a técnica de assimilação maometana superior. A preocupação de Boas, nesse sentido, teria motivado Freyre "(...) a observar em Portugal, no Oriente e na África, do ponto de vista das relações do sistema português de colonização dos trópicos com o maometano."<sup>102</sup>

Nessa altura Freyre aprofunda seu argumento sobre a absorção por parte dos portugueses de métodos maometanos de assimilação. Métodos que haviam obtidos sucesso na própria península ibérica, quando os mouros estavam a ocupando, inclusive Portugal. Um exemplo é a poligamia que, apesar de ser abominada pela Igreja Católica, contribuiu consideravelmente para a expansão da civilização católica em terras americanas. Porém a poligamia não foi a única prática de dominação incorporada, o tratamento dado aos escravos domésticos, em relação de apadrinhamento, foi outro exemplo. Para os maometanos não importava a raça ou a cultura dos homens, mas sim se a propagação do islã e sua cultura.<sup>103</sup> Isso teria favorecido a adaptação dos portugueses nos territórios tropicais e o processo de assimilação para com os nativos que empreendeu.

---

<sup>102</sup> Ibidem, p. 53.

<sup>103</sup> Ibidem, p. 54.



Freyre compara a maneira como árabes e indianos se relacionam de forma muito diferente com a África, devido a aspectos sociais e culturais distintos. A sociedade indiana seria mais arraigada em seus costumes e divisões de castas, dificultando a mistura com outros povos. Já os árabes, agindo de forma mais liberal e dinâmica, teriam mais facilmente encontrado receptividade entre os povos africanos. O português teria seu método de assimilação semelhante ao do maometano, apesar de cristocêntrico.

Enquanto a tendência dos filhos de Maomé tem sido para se fixarem para vida toda em terras africanas, cercados de mulheres nativas e de filhos mestiços, numa ostensiva demonstração de amor ao meia e à gente, muitos indianos têm vivido na África só o bastante para a acumulação de pequena fortuna a ser gozada na própria Índia.<sup>104</sup>

A construção dessa relação de oposição entre árabe e indiano é justificada por Freyre com o intuito de situar o português ao lado do árabe, enquanto um conquistador pacífico, em oposição às outras iniciativas europeias fracassadas. O parentesco sociológico ou biológico com o mouro tornou o português um civilizador e mais ainda, um assimilador. Segundo Freyre, estudo curiosamente ainda não desenvolvido até então e que havia o motivado desde Columbia com Franz Boas. O empecilho para o desenvolvimento desse projeto era a questão do contato com os povos árabes, ainda não concretizada até o momento da viagem. A partir da experimentação prática de seus argumentos e de suas observações na viagem pela África, Freyre se sente seguro para afirmar o que já especulava, o parentesco sociológico de português com o mouro.

Agora que experimentamos esse contato, podemos sugerir com maior segurança, em páginas, que podem ser consideradas nota prévia de um estudo mais concentrado do assunto, o parentesco sociológico do português civilizador dos trópicos, com o árabe ou o maometano - dominador mais antigo do mesmo espaço e cujos métodos de “conquista pacífica” - métodos, talvez, mais dinâmicos e incisivos que os chineses - de povos, raças e culturas as mais diferentes, foram magnificamente assimilados pelo homem luso e postos a serviço da expansão cristã no Oriente, na África e na América.<sup>105</sup>

---

<sup>104</sup> Ibidem, p. 56.

<sup>105</sup> Ibidem, p. 59.

Celso Castro é o organizador de uma coletânea dos principais textos de Franz Boas em português, intitulada "Antropologia Cultural". No prefácio de sua obra o autor apresenta Boas aos seus leitores e disserta sobre as inovações no campo da antropologia trazidas por Boas e sua crítica ao evolucionismo. Ao contrário do método dedutivo dos evolucionistas, Boas defendia o método da indução empírica, evitando amarrar os fenômenos em uma camisa-de-força teórica. O novo "método histórico", por ele defendido em oposição ao comparativo, exigia que se limitasse a comparação a um território restrito e bem definido.<sup>106</sup>

Castro afirma, contudo, que o principal papel de Boas foi justamente a crítica ao evolucionismo e ao racismo, o que abriu caminho para que os seus alunos desenvolvessem estudos baseados na relatividade das formas culturais sob as quais os homens têm vivido. Segundo Boas, para se compreender as diferenças observáveis entre populações de origens diferentes, era importante considerar não suas supostas características "raciais": e sim o efeito de outras variáveis, como o meio ambiente e especialmente as condições sociais em que vivem essas populações. Não se podem abstrair essas variáveis da análise antropológica.<sup>107</sup>

Castro chama a atenção para a importância que essas ideias tiveram sobre um dos principais intérpretes do Brasil. No prefácio à primeira edição de *Casa-grande & Senzala*<sup>108</sup>, Freyre contava como as ideias de Boas haviam-no ajudado a pensar de forma diferente sobre um dos grandes problemas nacionais, na perspectiva de sua geração: a questão da mestiçagem", O que é interessante reforçarmos, a partir da leitura de *Um brasileiro em terras portuguesas*, é que a influência de Boas sobre a obra de Freyre não se resume a questão da mestiçagem ou a questionada separação entre raça e cultura. Ela permanece nos estudos de Freyre, tamanha a importância que Boas exerceu na atividade intelectual freyreana.

---

<sup>106</sup> CASTRO, Celso. *Antropologia cultural*. Franz Boas. Rio de Janeiro, Zahar, 2005. p.16.

<sup>107</sup> CASTRO, 2005, p.19.

<sup>108</sup> FREYRE, 1933.

A preocupação com o meio/trópico em Freyre e a maneira como ele influencia a manifestação das culturas possui relação com a influência do culturalismo boasiano em sua produção intelectual. Boas estava interessado, principalmente, em saber o quanto o ambiente auxilia ou atrasa o desenvolvimento técnico e procurou mostrar que, mesmo em lugares com a abundância de recursos, são a técnica e a ação do homem os responsáveis pela exploração da natureza.<sup>109</sup> Oriundo da crítica ao evolucionismo e ao determinismo, correntes que vigoravam no século XIX, o culturalismo teve um Franz Boas um expoente.

Boas acreditava que as culturas eram específicas e continham particularidades, não cabendo um termo único, alinhado a ideia de progresso da história, para explicá-la. O antropólogo realizou uma verdadeira revolução conceitual a partir de seu comprometimento histórico: ele se afastou do uso de “cultura” no singular em virtude de sua forma no plural. Dessa forma o termo cultura passou a significar que todos os povos produzem sentido a partir de suas experiências coletivas.<sup>110</sup> Em suma, Boas estabelece a autonomia relativa do fenômeno cultural, rejeitando o determinismo e apresentando a influência do meio ambiente e fatores biológicos como influência na composição das sociedades é justamente esse o método de análise freyreano na tentativa de compreender a cultura lusotropical.

Retomando a Introdução, no momento em que já se encaminha para conclusão, Freyre afirma que a expansão portuguesa pelo Atlântico carregaria uma substância europeia, porém teria adquirido formas europeias e orientais, cristãs e maometanas, lusas e tropicais. É interessante perceber que a análise freyreana sobre a expansão e colonização portuguesa, está amparada na defesa de uma essência que permanece no povo português, apesar de seus contatos e misturas com os trópicos. Essa essência teria encontrado modos de se expressar durante o

---

<sup>109</sup> PEDROSA, Breno Viotto. Sauer, Boas, Kroeber e a Cultura Superorgânica: notas sobre a relação entre Geografia e Antropologia. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 23, 2015.

<sup>110</sup> OLIVEIRA, Flávio Silva de. O conceito de cultura de Franz Boas e sua oposição historicista ao evolucionismo cultural do século XIX. *In* Anais do Congresso de História de Jataí. 2014.

contato com os nativos na América e na África. Exemplo disso, segundo Freyre, teria sido a habitação retangular que marcou o domínio português nas regiões tropicais.

(...) não tardaram tais casas em se estabilizarem em formas mestiças de habitação retangular, com elementos tropicais ou orientais diversamente unidos aos importados da Europa, até formarem um tipo inconfundivelmente português, em suas predominâncias de forma, de casa tropical - a lusotropical -, fosse essa casa de taipa ou de pedra, coberta de palha ou de telha, térrea ou assombrada, caiada de ocre ou revestida de azulejo. (p.87)

O triângulo rural: a casa, a senzala e o engenho fariam parte da rotina de domesticação e cristianização e lusitanização de nativos e mestiços, o alicerce da colonização portuguesa. Essa rotina, entendida enquanto uma extensão da casa retangular, teria adotado o regime patriarcal de família. As considerações de Freyre sobre o patriarcalismo são interessantes de serem analisadas, pois atribui uma suposta decadência desse regime pelo fato da parte escravocrata ter desaparecido. O sociólogo reivindica inclusive a necessidade da escravidão “(...) como força de assimilação de estranhos em situação ainda, “bárbara” ou selvagem à cultura cristã e lusitana.”<sup>111</sup>

Sobre o critério de raça em Freyre, debate amplamente discutido na historiografia, aqui o escritor se utiliza de raça enquanto forma de pessoa humana, suas características (p.89), o que faz questão de deixar bem claro, além de usar o termo sempre entre vírgulas. Ele se utiliza dessa definição para explorar um argumento desenvolvido por Leonard Willian (1909) e aprofundada por W. Langodon Brown (1927). O argumento consiste em relacionar a cor da pele a adaptação ao clima, ou seja, indivíduos morenos e mestiços se adaptariam melhor que brancos puros ao clima dos trópicos. A partir desse estudo Freyre conclui que

O português levou para os trópicos uma forma de corpo (...) e um tipo de casa (...) adaptados a um ambiente que, longe de contrastam violentamente com o tropical, era uma como antecipação europeia dele. O que favorecia não só o equilíbrio étnico do português em espaços tropicais, mesmo quando conservada a sua pureza racial de corpo,

---

<sup>111</sup> FREYRE, 2010, p.87.

como a conservação do se complexo cultural em sua relativa pureza europeia.<sup>112</sup>

O pioneirismo português nas navegações e as consequências econômicas e culturais são vastamente analisadas por Freyre. Onde emprega quase que com um tom de devoção e agradecimento. Freyre nos fala de uma verdadeira revolução na cultura da sociedade ocidental, possibilitada pelo comércio com Oriente iniciada pelo povo português e a Escola de Sagres, pelas mãos do Infante Dom Henrique. O sociólogo afirma que graças ao espírito aventureiro do português, a transição para o capitalismo e para o estilo de vida burguês se deu de forma doce, suave. Principalmente com a introdução de novos produtos e valores orientais, hábitos de higiene do corpo, alimentação e vestimentas.<sup>113</sup> Além disso e de forma não menos importante teria gestado a civilização lusotropical - ainda em fase de consolidação devido a sua complexidade e proporções continentais - tamanho o feito português e maior ainda seu desafio e compromisso pelos dias que ainda viriam.

Nessa expansão assombrosa, do século XV ao XVIII, há que assinalar, além de uma predominância de sentido lusotropical, que acabaria por dar ao esforço mais persistentemente português de fixação ou permanência fora da Europa, o caráter de uma civilização lusotropical - civilização marcada por uma harmonização de formas lusitanas de ser e de viver, com os trópicos, que nenhum outro europeu parece ter alcançado -, o fato de ter o luso, quase sempre, juntado ao gosto do comércio com as suas terras descobertas do conhecimento científico das mesmas terras e das suas populações.<sup>114</sup>

São duas as conferências proferidas por Freyre em Portugal, a primeira delas conferência realizada em Coimbra em janeiro de 1952, intitulada de “Em torno de um novo conceito de lusotropicalismo” e outra A propósito de Oliveira Lima, lida em Lisboa e no porto, também em janeiro de 1952. Esta última em seu conteúdo se distancia da proposta que aqui trouxemos, nessa conferência Freyre está mais voltado para analisar a trajetória de Oliveira Lima e sua relação com um dos mestres de Coimbra.

---

<sup>112</sup> Ibidem, p.91.

<sup>113</sup> Ibidem, p.98.

<sup>114</sup> Ibidem, p.103.

Porém, na conferência lida em Coimbra, talvez uma das mais importantes para nós neste trabalho, Freyre se dedica a analisar o conceito de tropicalismo e separa em velho conceito de tropicalismo e novo conceito de tropicalismo. O primeiro seria definido, pelos europeus, principalmente, como “(...) a negação de tudo quanto fosse primor ou excelência de civilização, inclusive de arte, vinda dos trópicos. O que fosse tropical seria necessariamente bárbaro, desordenado, grosseiro, exuberante, derramado, desmedido, agreste”.<sup>115</sup> A preocupação de Freyre em desconstruir uma visão de engessada de trópico enquanto algo negativo é recuperada com ênfase nesta conferência, lançando assim orientações para a construção de um novo conceito de trópico ou tropicalismo, baseado na própria experiência lusotropical.

No ambiente universitário da Universidade de Coimbra Freyre afirma se sentir à vontade para esboçar algumas sugestões em torno do novo conceito de tropicalismo.

Na verdade, creio ter encontrado nesta viagem a expressão que me faltava para caracterizar aquele tipo de civilização lusitana que, vitoriosa nos trópicos, constitui hoje toda uma civilização em fase ainda de expansão (...). Essa expressão- luso-tropical- parece corresponder ao facto de vir a expansão lusitana na África, na Ásia, na América manifestando evidente pendor, da parte do português, pela aclimação como que voluptuosa e não apenas interessadas em áreas tropicais ou em terras quentes.<sup>116</sup>

Tropicalismo ou Lusotropicalismo significaria então, para o autor, uma antecipação portuguesa, no sentido de ressignificar o trópico enquanto um espaço adequado ao desenvolvimento de civilizações predominantemente europeias. A partir das combinações de novos valores de raça e de cultura, formariam o que Freyre chama de civilização lusotropical.

De modo que o complexo lusotropical não o descobri nem por acaso, nem através de técnica semelhante à sociodramática, em viagem pelas várias terras portuguesas que acabo de visitar. Esta viagem, apenas confirmou em mim a intuição de que agora, mais do que nunca, me parece

---

<sup>115</sup> Ibidem, p.173.

<sup>116</sup> Ibidem, p.173.

uma clara realidade: a de que existe no mundo um complexo social, ecológico e de cultura, que pode ser caracterizado como “lusotropical”. Um complexo em expansão. Talvez se possa acrescentar sem exagero: em triunfante expansão<sup>117</sup>.

Freyre finaliza sua conferência destacando o papel que Coimbra e sua histórica universidade justamente com o movimento estudantil ocupam na valorização, intensificação e ampliação nos estudos tropicalistas em Portugal, ainda que tardiamente.

Entraremos agora em uma nova fase da viagem de Freyre, quando se direciona para o continente africano a fim de visitar as colônias portuguesas. O que podemos perceber é um deslocamento de ponto de vista do viajante, que até então estava mergulhado na cultura portuguesa buscando, principalmente, compreender as trocas e transferências culturais<sup>118</sup> pelas quais havia passado durante sua história e que de maneira ainda se manifestavam no presente dos portugueses. Ao se deslocar para o continente africano, percebemos que Freyre busca analisar o quanto do português e sua cultura foi penetrada e absorvida por aquelas colônias, se realmente há um sentimento de cultura em comum - apesar de já se manifestar de forma clara sobre a sua certeza quanto a questão - construída a partir da colonização portuguesa, mas fundida com as tradições locais, o lusotropicalismo.

---

<sup>117</sup> Ibidem, p.177.

<sup>118</sup> Ver mais em: ESPAGNE, Michel; WERNER, Michael. **Transferts**. Ed. Recherche sur les civilisations, 1988.

#### 4. Gilberto Freyre: Um intelectual viajante no atlântico português

A viagem por tantas terras marcadas por presença portuguesa - algumas quase ignoradas pelo brasileiro e pelo próprio português da Europa - revelou-me aspectos novos do que alguém já chamou, a propósito de modernos estudos brasileiros em torno de assuntos lusitanos, de 'lusologia'; mas serviu também para confirmar, em mim, critérios de estudos e audácias de generalização esboçadas em antecipação do que acabo de ver com meus próprios olhos e tocar com meus próprios dedos (...). Mais uma vez minha impressão foi a do déjà vu, tal unidade na diversidade que caracteriza os vários portugueses espalhados pelo mundo; e tal a semelhança desses portugueses diversos com o Brasil. Donde a verdade, e não retórica, que encontro na expressão "lusotropical" para designar complexo tão disperso; mas quase todo disperso só pelos trópicos.<sup>119</sup>

A experiência da viagem sempre foi uma constante na trajetória intelectual de Gilberto Freyre. Tendo início na juventude do escritor, com a realização de seus estudos no exterior, ainda na década de 1920, nos Estados Unidos. Porém as viagens para Europa, América e África, principalmente, permaneceram de forma muito presente na vida de Freyre, o que lhe atribuiu o título de intelectual viajante. Fernando Nicolazzi, em sua tese "Um estilo de história: a viagem a memória, o ensaio, sobre Casa-

---

<sup>119</sup> FREYRE, Gilberto. *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. J. Olympio, 1953, p. 32.



*Grande & Senzala e a representação do passado*<sup>120</sup>, defendida em 2008, explora a relação do pernambucano com a experiência da viagem, dando ênfase na década de 1930, e sua contribuição para a escrita de *Casa-Grande & Senzala*.

Nicolazzi resgata a relação de Freyre com a sua própria terra, o Recife, após cinco anos de estudos fora do Brasil - período que empreende viagens a pelo menos sete países - buscando compreender o olhar do brasileiro que retorna para a sua terra natal. Parte se identifica com aspectos que remetem ao seu passado, a sua infância. Entretanto, parte se afasta lamentando um tempo que não retorna, assim como as transformações modernistas pelas quais a cidade vinha passando naquele momento. Outro momento analisado por Nicolazzi em sua tese diz respeito ao período de exílio de Gilberto Freyre na década de 1930. Onde se dedicou à escrita de *Casa-Grande & Senzala*, considerada posteriormente pelo próprio autor um livro escrito na condição de emigrado.

A escrita de Freyre durante o exílio, segundo Nicolazzi, não possui o horizonte do estranhamento, muito presente quando o indivíduo se encontra nesta condição. Na verdade, a experiência da viagem durante o exílio de Freyre é analisada enquanto uma viagem de retorno ao mesmo. “O que se busca encontrar é Gilberto Freyre viajante em seu próprio lugar”.<sup>121</sup> O olhar de Freyre domestica a alteridade e familiariza os elementos da experiência, assumindo um caráter pessoal, de identificação com o que até então era o outro, outro lugar, outra paisagem, outra cultura.

Tanto o período em que retorna para o Recife, como a experiência do exílio são fundamentais para dar forma a escrita de *Casa-Grande & Senzala*. Segundo Nicolazzi, nesta obra a figura do autor estabelece uma relação de persuasão com o leitor: ao “eu conheço” está implicado um imperativo: creia em mim, pois eu sei, pois eu vi. Esse imperativo, fruto do conhecimento empírico, possibilitado pelas viagens, permanece na obra de Freyre com o passar dos anos e influência de maneira significativa sua

---

<sup>120</sup> NICOLAZZI, Fernando Felizardo. *Um estilo de história: a viagem a memória, o ensaio, sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado*. 2008.

<sup>121</sup> NICOLAZZI, p.230.

produção nos anos posteriores, não se limitando a *Casa-Grande & Senzala*.

O sentido da viagem como experiência reside em Freyre, portanto, na pessoalidade com que trata seu objeto; não o horizonte estranho e estrangeiro do exílio, a despeito mesmo das condições políticas que, em determinado momento, o levaram para a terras alheias, mas um ambiente familiar e como que aconchegante, no qual ele se sentiria “em casa”: uma viagem de retorno ao mesmo. O que se busca encontrar é Gilberto Freyre viajante em seu próprio lugar.<sup>122</sup>

Sobre a alteridade, é interessante resgatamos Hartog em “O espelho de Heródoto” onde o autor tem fonte principal *As Histórias* de Heródoto e analisa a narrativa da viagem em sua relação íntima com a História. Para Hartog, “(...) Por a coisa diante dos olhos, que seja, mais precisamente pondo uma outra coisa: essa é a originalidade da narrativa de viagem.<sup>123</sup> A retórica alteridade é uma expressão utilizada por Hartog na tentativa de pesquisar um, dentre os vários mecanismos utilizados para compreender a figura do outro, possibilitada pela experiência da viagem. “Uma retórica da alteridade é, no fundo, uma operação de tradução: visa transportar o outro ao mesmo - constituindo portanto uma espécie de transportador da diferença”.<sup>124</sup>

Essa relação em Gilberto Freyre, aparece invertida, para utilizarmos o termo empregado por Nicolazzi. Nesse sentido, é interessante percebemos que a postura de Freyre “(...) no continente europeu é o avesso dos viajantes que para os trópicos vieram, produzindo relatos dos quais, algum tempo depois, ele mesmo se valerá como registros de olhares”. Segundo Nicolazzi, o avesso se dá em dois planos: no primeiro, pela inversão do espaço – no caso de Freyre, obviamente, é a Europa que se configura como lugar de alteridade; no segundo, mais interessante, pela transformação de perspectiva – em se tomando a viagem de retorno, ou seja, Freyre viajante em sua própria pátria, não mais se coloca a questão

<sup>122</sup> Ibidem, p. 229.

<sup>123</sup> HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Editora da UFMG, 1999, p.242.

<sup>124</sup> HARTOG, 1999, p.252.

da alteridade, mas sim o trabalho de como construir uma identidade com o lugar.<sup>125</sup>

Freyre desde a década de 1930, incorpora a figura do viajante que se identifica e não se diferencia. Nesse caso é válido pensarmos em uma “retórica da proximidade” em oposição a uma retórica da alteridade. A narrativa freyreana não busca como interpretar, traduzir, compreender ou analisar o outro, em busca de um distanciamento considerável saudável ao pesquisador, mas sim escrever sobre as similitude, conexões e trocas culturais. “A experiência da viagem está intimamente ligada à experiência escriturária de Freyre”.<sup>126</sup>

A questão da empatia é cara ao historiador de Apipucos, sendo uma atitude chave para compreendermos, segundo Nicolazzi, a composição de *Casa-Grande & Senzala*. O outro lugar se torna a sua própria casa e o tempo outro se torna seu contemporâneo. O outro é constituído então, como o mesmo.<sup>127</sup> O argumento de Nicolazzi sobre o olhar do Freyre viajante, que busca o reconhecimento de si a partir da experiência da viagem e conseqüentemente do encontro com o outro, permanece válido para analisarmos a viagem nos anos 1951 e 1952 por Portugal e suas colônias ultramarinas, objeto de estudo desta dissertação.

Neste terceiro capítulo analisaremos a viagem de Gilberto Freyre não mais em Portugal, buscando compreender as constantes de caráter e ação dos portugueses, mas agora o período em que o intelectual brasileiro esteve em África e Ásia, na tentativa de analisarmos como a cultura lusotropical se manifestou nas colônias ultramarinas portuguesas. A viagem surge enquanto uma experiência de reconhecimento e pertencimento de Gilberto Freyre em relação às diferentes culturas que encontra nas colônias em que esteve. O Freyre viajante busca principalmente a identificação de sua própria cultura no outro e a maneira como ela se manifesta no atlântico. Além de superar um distanciamento histórico até então entre civilização e trópico, entre centro e periferia, entre europeus e índios, africanos, asiáticos.

---

<sup>125</sup> NICOLAZZI, 2008, p.233-234.

<sup>126</sup> NICOLAZZI, p. 255.

<sup>127</sup> Ibidem, p.258.

Cristiana Bastos, em “Tristes trópicos e alegres luso-tropicalismos”, faz um paralelo interessante entre a obra de *Aventura e rotina* de Gilberto Freyre e *Tristes Trópicos de Lévi-Strauss* que nos ajudam a pensar o posicionamento de Freyre e seu olhar enquanto viajante, na dicotomia entre o eu e o outro. O argumento principal se baseia numa oposição quase simétrica entre as obras referidas. “(...)Lévi-Strauss equaciona a distância com alteridade ao ‘orientalizar’ os trópicos, Gilberto Freyre tenta anular distâncias e oposições ao ‘tropicalizar’ o mundo, mesmo que esse mundo seja parcial e restrito ao universo lusófono”<sup>128</sup>. Ou seja, aquilo que é outro em Lévi-Strauss, aparece como nós em Freyre.

Tristes trópicos nos deixou uma complexa elaboração em torno de um tema estruturante à época - a alteridade. Alteridade nós/eles, em que eles são os povos colonizados, o hemisfério sul, os trópicos. Segundo Bastos, o trópico naquela época possuía uma forte conotação negativa, associado ao atraso civilizacional e a barbárie, local do exótico e do primitivo. “(...) é contra este fundo de depreciação, explícita ou implícita, da instância ‘trópicos’ que devemos analisar o trabalho de Gilberto Freyre e sua apreciação exaltada e quase obsessiva de todos os aspectos do ‘tropical’.”<sup>129</sup>

*Aventura e Rotina* é interpretado pela autora, justamente como a possibilidade de ultrapassar a alteridade de Lévi-Strauss, buscando exaltar e valorizar os povos que conseguiram ultrapassar distâncias e contrastes. Os trópicos para Freyre são locais de excelência, de onde brotou uma civilização nova, cheia de potencialidades e futuro, possibilitada pelo pendor tropical característico do povo português. Esse é argumento de Freyre em *Aventura e Rotina*, obra que continuaremos a analisar neste capítulo, agora aprofundando na experiência de Freyre nas colônias portuguesas.

Entraremos agora na segunda fase da viagem de Freyre, quando se direciona para o continente africano. O que podemos perceber é um deslocamento de ponto de vista do viajante, que até então estava

---

<sup>128</sup> BASTOS, Cristiana. Tristes trópicos e alegres luso-tropicalismos: das notas de viagem em Lévi-Strauss e Gilberto Freyre. *Análise social*, 1998, p. 417.

<sup>129</sup> BASTOS, 1998, p. 420.

mergulhado na cultura portuguesa buscando, principalmente, compreender as trocas e transferências culturais pelas quais havia passado durante sua história e de que maneira ainda se manifestava no presente dos portugueses. Ao se deslocar para o continente africano, percebemos que Freyre busca analisar o quanto do português e sua cultura foi penetrada e absorvida por aquelas colônias, além de analisar os diferentes níveis em que o lusotropicalismo se manifesta naquela altura nas colônias. O sentimento em comum partilhado entre colonizados e colonizador também é analisado por Freyre que busca compreender a essência da cultura lusotropical, construída a partir da colonização portuguesa, mas fundida com as tradições locais, o lusotropicalismo.

O português, mesmo quando minoria insignificante em relação com outros europeus estabelecidos em área africana, custa a desaparecer nos trópicos. Há entre ele e os trópicos uma espécie de aliança íntima ou confabulação secretamente maçônica de um grau ou de uma profundidade ainda não alcançada por outros europeus.<sup>130</sup>

A Guiné é a primeira colônia que Freyre conhece e se interessa, de forma estreita, pelos estudos que os portugueses lá vinham desenvolvendo. Os estudos se concentram na questão da casa regional em relação ao povoamento português e sua reconstituição e recomposição. Naquela altura havia um Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, iniciativa de Sarmiento Rodrigues quando foi governador da província.

Ao interesse científico junta-se o social; pois os pesquisadores procuram interpretar o seu material do ponto de vista da assimilação dos indígenas pelo português, dentro da boa tradição lusitana que é da assimilação lenta. Lenta, sem violência e através de numerosas transigências do europeu com os estilos e valores indígenas.<sup>131</sup>

Sobre a penetração social na Guiné de portugueses, Freyre afirma que se limitou, durante muitos anos, aos “lançados”. Estes eram homens isolados que se lançam em meio a mata e os indígenas, mas que foram essenciais para garantir a plasticidade do povo da Guiné e o domínio português sobre as suas terras, tardiamente realizado.

<sup>130</sup> FREYRE, 1980, p.191.

<sup>131</sup> Ibidem, p. 201.

Pelo que esta Província é, ao mesmo tempo, a mais antiga e a mais moça das terras ocupadas pelos portugueses nos trópicos. Aqui madrugou o lusotropicalismo: todo um movimento na moderna história humana de contactos de uns povos com outros, começado com os contactos dos portugueses com os mouros e que só essa expressão parece definir. Mas foi uma aventura tão superficial, da Guiné, que a colonização do Brasil tropical por portugueses decididos a se fixarem em terras tropicais como agricultores, superou-a como superou o próprio início dessa mesma expansão, a princípio tão brilhante, em terras do Oriente.<sup>132</sup>

Freyre destaca a íntima relação entre a Guiné portuguesa e o Brasil, com passados tão próximos e vínculos estreitos. “A própria colonização do Brasil fez-se, porém, com auxílio de negros da Guiné, arrancados destas suas terras para irem trabalhar nas lavouras de cana de açúcar, de Pernambuco, da Bahia e do Rio de Janeiro.”<sup>133</sup> Porém há diferenças visíveis no que diz respeito à penetração portuguesa no processo de colonização da Guiné, muito menos intenso em comparação ao Brasil. Visto isso, o escrito assegura que: “O que é preciso é que a colonização da Guiné, seja como foi a do Brasil, um processo português de assimilação de valores tropicais; e não a pura exploração desses valores”.<sup>134</sup>

Está a Guiné hoje em fase - repita-se - de contrastes. Pode o europeu ou o europeizado saborear aqui frutos deliciosos: pinhas doces como as brasileiras de Caruaru, mangas que lembram as pernambucanas de Itamaracá, laranjas que há quem diga serem parentas próximas das baianas (...). Mas em contraste com tudo isso, a Guiné é ainda terra acre de febres palustres, da doença do sono, da anquilostomíase. Qualquer picada de mosquito aqui pode ser uma picada de morte.<sup>135</sup>

Freyre defende que a “ação do fogo civilizador”, em Guiné, ainda está no princípio. Ainda haveria muito por onde o português adentrar, tendo a ação missionária ainda um longo caminho a percorrer naquelas terras. Segundo o autor, do contrário teríamos um processo de degradação de muitos e a islamização de vários, o que precisa ser evitado.

---

<sup>132</sup> Ibidem, p.213.

<sup>133</sup> Ibidem, p.213.

<sup>134</sup> Ibidem, p.221.

<sup>135</sup> Ibidem, p.223.

O momento social na Guiné (...) exige um esforço missionário cem ou mil vezes maior do que aquele que venho surpreendendo aqui. Maior e mais compreensivo. É preciso que o padre, a freira, o missionário saibam um pouco de sociologia: a sociologia dos contatos de raça e de cultura.<sup>136</sup>

Já nessa primeira experiência de Freyre em uma colônia é possível analisarmos, a partir dos relatos do escritor, o que está buscando. No caso da Guiné fica claro o interesse de Freyre pelas iniciativas que se propõem a estudar aspectos regionais que permaneceram ao longo dos anos se adaptando a presença portuguesa no território. Outro aspecto que nos desperta atenção é o modelo de interpretação de Freyre sobre o nível lusotropical em que se encontra uma colônia, ou seja, o estágio de evolução de determinada cultura, dependendo do quão forte foi a interação portuguesa. Freyre nesse ponto não abandona os preceitos evolucionistas com os quais parecia romper, incentivando inclusive uma intensificação da presença lusa em determinados territórios.

O caso do arquipélago de Cabo-Verde desperta maior interesse devido à particularidade da influência das obras de Freyre no conjunto de ilhas africanas. Desde meados da década de 1930, o pensamento de Gilberto Freyre já se fazia fortemente presente entre a elite cabo-verdiana, contribuindo inclusive para o surgimento de uma revista literária que visava principalmente a defesa de uma especificidade cabo-verdiana frente às outras colônias portuguesas. Porém, a presença de Freyre no arquipélago em 1951 se concretiza enquanto um momento de repulsa e crítica por parte dos intelectuais cabo-verdianos e do movimento claridoso frente ao pensamento freyreano.

Claridade, revista literária fundada em Cabo-Verde, mais precisamente na Ilha de São Vicente, em 1936, por um grupo de intelectuais cabo-verdianos formado por Baltazar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, lançou ao todo nove edições esporádicas, sendo a última publicada em 1960. O impresso desempenhou papel importantíssimo no surgimento do sentimento de autonomia na ilha, sendo, inclusive, precursora no movimento da independência política do arquipélago.

---

<sup>136</sup> Ibidem, p.228.

Detentora de um viés crítico em relação à administração colonial que subjazia na ilha, onde as liberdades individuais eram ignoradas pelo fascismo de Salazar, a revista *Claridade* foi o ponto de partida para a construção de um projeto literário autônomo.

De acordo com João Carlos Gomes dos Anjos (2004) “Sob o lema de fincar os pés na terra, a revista *Claridade* reúne a contribuição de um conjunto de intelectuais, cuja afinidade estética reside no retorno à realidade quotidiana”.<sup>137</sup> Essa afirmação se baseia na contraposição empreendida pelos idealizadores da revista em relação à anterior produção literária, a revista *Seminário*. De acordo com os claridosos, a geração seminário tinha por principal preocupação os princípios clássicos da métrica, mergulhados em uma abstração lírica que não atendia as demandas na ilha, de crítica e superação de suas péssimas condições de vida.

A busca por autonomia do arquipélago estava diretamente ligada à disputa dos cargos de administração colonial por parte da recente intelectualidade que surgia através do movimento claridoso. A própria construção da identidade cabo-verdiana, em oposição a África, busca elevar esta intelectualidade à condição de assimilados e mediadores da colonização portuguesa no arquipélago. Os cargos administrativos eram ocupados por agentes portugueses, que não se identificavam com os problemas da ilha e nem os conheciam profundamente. Justificava-se, assim, a necessidade, por parte elite local, de ocupar esses mesmos cargos, a partir do viés da valorização do regional e da sua capacidade intelectual.

José Carlos Gomes dos Anjos ao discorrer sobre a identidade de cabo-verde afirma que “se do ponto de vista geográfico Cabo-Verde é incluído no continente (África), do ponto de vista cultural, estaria na posição de contraste com a África, na perspectiva de um estrangeiro que visitasse as ilhas.”<sup>138</sup> A África era um elemento de contraposição, aquele do qual se pretendia afastar; A identidade cabo-verdiana se estabeleceu a partir da

---

<sup>137</sup> ANJOS, José Carlos Gomes dos. *Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde: lutas de definição da identidade nacional*. UFRGS/IFCH, 2002, p.87.

<sup>138</sup> ANJOS, 2002, p.76.



negação da africanidade e de seu estigma de inferioridade, para então se identificar com a Europa e a civilidade ocidental. Este processo foi possibilitado pela assimilação da cultura portuguesa pelos cabo-verdianos, ou seja, do sucesso da colonização portuguesa. A afirmação de identidade regional pela revista *Claridade* não era questionadora da dependência de Portugal enquanto colônia, sendo a condição de ilhas adjacentes reivindicada pelos intelectuais cabo-verdianos, reapropriando-se assim do discurso colonial português e fortalecendo os laços de hierarquia entre metropolitanos e nativos.

A literatura brasileira, principalmente de um certo modernismo da década 1930, representou um momento decisivo para Cabo Verde, influenciando diretamente a revista *Claridade*. Manuel Lopes<sup>139</sup>, um dos fundadores da revista afirma que o modernismo e o neo-realismo brasileiro, que foram a expressão definitiva da “nacionalização literária brasileira”, que evocou “(...) o homem brasileiro e os problemas sociais do Brasil, mas sempre humanos e universais”<sup>140</sup> servindo como inspiração para Cabo-Verde. A realidade da ilha muito se assemelhava ao nordeste brasileiro, em diferentes aspectos: economia do açúcar para exportação, mão de obra escrava à sombra da casa grande e do engenho, além da condição de subserviência aos interesses de Portugal naquela altura.

Dentro de cenário de influências das obras brasileiras por essa intelectualidade africana, José Carlos Gomes dos Anjos afirma que “a revelação para os intelectuais cabo-verdianos é mesmo a sociologia de Gilberto Freyre (mais precisamente Casa Grande e Senzala). A afirmação de semelhanças entre estas ilhas, principalmente naquilo que elas tem de mais castiço e de menos contaminado” e aquilo que se pode ler dos

---

<sup>139</sup> **Manuel** António dos Santos **Lopes nasceu na** Ilha de S. Vicente 23 de dezembro de 1907 e faleceu em Lisboa 25-01-2005). Poeta, contista, romancista e ensaísta e, nos últimos anos, também pintor. Foi o fundador, com Baltasar Lopes da Silva e Jorge Barbosa, da **revista Claridade**, integrando por isso a galeria dos fundadores da moderna literatura cabo-verdiana. Os seus romances “**Chuva Braba**” e “**Flagelados do Vento Leste**” são ainda hoje exemplos da definição dos contornos da ficção nascida nos anos 40 com a publicação de “Chiquinho”, do seu colega **Baltasar Lopes da Silva**.

<sup>140</sup> *Revista Claridade*, 1986, p.31.

regionalistas nordestinos, é a forma como os intelectuais nativos percebem e atestam a importação dessa nova grade de leitura do mundo”.<sup>141</sup>

Desde a década de 1930, Gilberto Freyre é tido nos meios intelectuais cabo-verdianos como o “messias brasileiro”, sendo esta a expressão de um regionalismo que só podia ser encontrado fora das ilhas, neste caso, no Brasil. Freyre era aguardado com ansiedade, pois era a grande referência na valorização da mestiçagem como fator de identidade da ilha, materializado a partir da figura do mestiço e da língua crioula.<sup>142</sup>

Porém a viagem de Freyre, se configura enquanto um momento de ruptura, ou pelo menos de revisão do pensamento freyreano na ilha de Cabo-Verde. Outrora visto como um Messias, o intelectual brasileiro, ao tecer seu relato sobre o tempo em que esteve na ilha, decepciona a intelectualidade cabo-verdiana, indo ao encontro daquilo que a mesma defendia baseado em leituras anteriores do próprio Freyre, mais especificamente *Casa Grande e Senzala*.

Chegando em Cabo Verde, na ilha de São Tiago, Freyre se surpreende com a semelhança com o Ceará. “Cabo-Verde é uma espécie de Ceará desgarrado no meio do Atlântico.”<sup>143</sup> O escritor chama atenção para o fato de ter sido em Cabo-Verde um dos mais antigos começos de colonização. Em São Tiago, não se encontrou indígena nenhum, foi povoada, principalmente, por portugueses. Portugal teria sido então, autor da vida histórica de Cabo Verde, segundo Freyre. “Ensaçou-se nesta ilha, como na da madeira, muito processo de colonização, seguido depois no Brasil, em escala monumental: um Brasil em que também a cristãos se juntariam judeus a brancos, pretos a portugueses, italianos”. (FREYRE, 1980, p.230)

Cabo Verde, a segunda colônia visitada por Freyre, se mostra um caso curioso a ser analisado por nós devido às particularidades de sua colonização, bem como seu pioneirismo no processo colonizatório. Situada em meio ao Atlântico, o conjunto de nove ilhas parecem ter sido abandonados pelos portugueses, a partir do momento em que obtiveram

---

<sup>141</sup> ANJOS, 2004, p.204.

<sup>142</sup> Ibidem, 2004.

<sup>143</sup> FREYRE, 1980, p.229.

sucesso com a plantação de cana-de-açúcar no Brasil. O cultivo havia sido testado anteriormente em Cabo Verde e com o uso de mão de obra escrava negra.

Segundo Freyre, o destino cabo verdiano havia se perdido no decorrer de sua história, sendo um povo inconstante e fadado ao fracasso. “Ninguém até hoje chegou a uma conclusão. Vários estudiosos do assunto pensam que não há uma solução para Cabo Verde: todo cabo-verdiano deve emigrar ou entregar-se à vida de navio ou de veleiro”.<sup>144</sup>

“Mas no que o meu primeiro contato com Cabo-Verde me faz principalmente pensar é na miscigenação que aqui foi ensaiada de modo intenso pelo português, com judeus e, notadamente, com negros, antes de ser desenvolvida na América tropical, sobre o lastro ameríndio.”<sup>145</sup> São Tiago teria sido o “caldeirão” do ensaio da aventura étnica portuguesa. Porém, ao contrário do que vem ocorrendo no Brasil, o elemento negroide prevalece.

A população cabo verdiana manteve fortemente o elemento africano, em sua cor, seus costumes e aspectos. “A presença dominante do europeu apenas se revela no que é oficial: edifícios, ritos de administração, o traje, o andar, a fala dos burocratas e dos negociantes mais importantes.”<sup>146</sup> Os cabo verdianos seriam então, aos olhos de Freyre, exóticos para os brasileiros, pois estariam à margem da cultura sociologicamente predominantemente no Brasil: o lusotropicalismo.

É de certo modo esta a impressão que sinto em face da gente do povo de São Tiago: a impressão de uma população sociológica e até etnicamente aparentada com a portuguesa ou a brasileira; mas demasiadamente dominada pela herança da cultura e da raça africana para que seu parentesco com portugueses e brasileiros seja maior que o exotismo de sua própria aparência e de seus costumes.<sup>147</sup>

Freyre chega então em outra ilha do complexo que forma Cabo Verde, São Vicente. “Minha primeira impressão de São Vicente é a de uma ilha de gente mais alegre que a de São Tiago: com alguma coisa de baiano

---

<sup>144</sup> Ibidem, p.230.

<sup>145</sup> Ibidem, p.232.

<sup>146</sup> Ibidem, p.232.

<sup>147</sup> Ibidem, p.233.

e até de carioca. De malandro, portanto”.<sup>148</sup> A proximidade com o Brasil fica mais clara em São Vicente, segundo o sociólogo, as influências sobre a dança, a música e a literatura são facilmente percebidas no cotidiano da ilha. Os laços culturais desta parte do arquipélago parecem se distanciar do português e se identificar com o outro lado atlântico, o Brasil. Essa constatação de certa forma decepciona Freyre, pois a cultura lusotropical não teria se manifestado conforme era esperado.

O que a presença do europeu, em maior número, traria a Cabo Verde seria, provavelmente, um novo ânimo - de origem antes cultural do que étnica - no sentido de maior atividade criadora de valores predominantemente europeus, num arquipélago ligado, mais, no seu destino econômico, a áreas de cultura europeia do que à África.<sup>149</sup>

João Medina (2000) afirmou que Freyre não se entusiasmou com a especificidade da construção lusotropical encontrada em Cabo Verde. A originalidade do arquipélago desconcertava-o e, de algum modo, desiludia-o, frustrando suas premissas de base. O que justifica o fato de ao invés de aceitar a realidade cabo-verdiana dentro da proposta lusotropical, Freyre tenha optado por evitar celebrá-la e até fazer do crioulo umas das razões de instabilidade dentro do arquipélago.

(...) no tocante a visita de 1951 à Cabo Verde, Freyre foi posto em contato com uma das mais conseguidas experiências de miscigenação física e cultural de todo o mundo colonial português, deparando-se assim com uma sociedade que lograra até criar seu dialecto, realidade absolutamente anômala no resto do mundo que o português criara.<sup>150</sup>

A especificidade do caso Cabo verdiano nos é um elemento chave, pois nesse sentido, a realidade de Cabo-Verde contraria Freyre, pois o sociólogo estava imbuído em uma viagem de comprovação de sua teoria lusotropical, e o que observara em Cabo-Verde é um arquipélago esquecido pela colônia, onde as influências europeias penetraram suficientemente naquela população, prova concreta é a permanência do

<sup>148</sup> Ibidem, p.236.

<sup>149</sup> Ibidem, p.242.

<sup>150</sup> MEDINA, João. Gilberto Freyre contestado: o lusotropicalismo criticado nas colônias portuguesas como álibi colonial do salazarismo. **Revista Usp**, n. 45, 2000, p.60.

dialeto crioulo nas ilhas. A colonização portuguesa teria falhado em cabo-verde. Eis aqui a constatação de Freyre e a solução oferecida pelo escritor.

(...) estabilização cultural de uma gente que, procurando ser européia, repudia suas origens africanas e encontra-se, em grande número, em estado ou situação precária de instabilidade cultural e não apenas econômica. Instabilidade cultural de que são indícios: por um lado, o uso generalizado, pelos ilhéus de um dialeto; e por outro lado, a ausência, entre esses mesmo ilhéus, de artes populares em que se exprimisse uma saudável interpenetração das culturas que neles se cruzam, sem se terem harmonizado, até hoje - a não ser, talvez na música -, numa terceira cultura, caracteristicamente cabo-verdiana. Para corrigir-se este estado de instabilidade e caracterização é que me parece necessário um revigoração da cultura - cultura no sentido sociológico - européia.<sup>151</sup>

Baltazar Lopes, responde às críticas de Freyre ao arquipélago, presentes em *Aventura e Rotina*. Em um programa da rádio local de Barlavento, Baltazar elabora uma resposta para Gilberto Freyre, intitulada de “O mundo visto por Gilberto Freyre”. Seis conferências foram proferidas em seis programas na rádio, aos sábados, tendo a transcrição das conferências cerca de 50 páginas. Durante um desses programas, em detrimento das impressões de Freyre sobre Cabo-Verde, Baltazar Lopes afirma que “O messias desiludiu-nos (...) temos pois que a posição do sociólogo brasileiro é diametralmente oposta à que esbocei anteriormente, acode-me ao bico da pena o adjetivo ‘absurdo’ para qualificar a caracterização que Gilberto Freyre concebeu.”<sup>152</sup>

A resposta de Baltazar considera a caracterização de Freyre como “absurda” e defende que se o sociólogo tivesse tido outras condições de contato, mais demoradas, não hesitaria em retificar os seus juízos. Segundo Baltazar, Freyre não teria conhecido a ilha a fundo, em suas particularidades, e por isso não era capaz de analisar de forma contundente a realidade de Cabo-Verde. As considerações de Freyre se pautariam apenas em intuições, sendo um mero observador turístico.

(...) infelizmente, Freyre não conseguiu descortinar que estava, quiçá, perante de uma das sínteses culturais das mais harmoniosas que, alguma vez, se conseguiu construir

<sup>151</sup> FREYRE, 1980, p.243.

<sup>152</sup> LOPES, Baltazar. **Cabo Verde visto por Gilberto Freyre: Apontamentos lidos ao microfone de Rádio Barlavento**. Impr. Nacional, 1956, p.14.

no seio das sociedades escravagistas do período moderno, que se implantaram no Atlântico.<sup>153</sup>

Ao analisar a formação histórica de Cabo-Verde, Baltazar afirma que “A África se diluiu no arquipélago ao longo da colonização portuguesa e da miscigenação”.<sup>154</sup> Freyre por outro lado afirma que “O mestiço em Cabo-Verde é mais africano que português” e possui “uma gente que, procurando ser europeia, repudia suas origens africanas e encontra-se em grande número, em estado ou situação precária de instabilidade cultural e não apenas econômica.”<sup>155</sup> As visões de Freyre e Baltazar, não somente neste ponto, mas principalmente, são essencialmente opostas, causado por um conflito de interesses na busca pela definição da identidade cabo-verdiana.

A repulsa de Freyre ao se deparar com o crioulo também é digna de atenção por parte de Baltazar. Em *Aventura e Rotina* Freyre escreve “do mesmo modo que repugna-me o dialeto cabo-verdiano, agrada-me ouvir a gente cabo-verdiana falar o português a sua maneira, que é a maneira tropical, brasileira, não sei se diga sempre ‘com açúcar’.”<sup>156</sup> Baltazar responde afirmando que o crioulo é uma criação humana incompreendida, “o crioulo está radicado no solo das ilhas como o próprio indivíduo(...) todo aquele que tentou e, por impossível, conseguia a irradicação do crioulo, mutilaria irremediavelmente a alma do homem cabo-verdiano.”<sup>157</sup>

Lopes defendia a ideia de que os cabo-verdianos não eram nem europeus nem, africanos, mas cabo-verdianos. Esta afirmação suscitou um longo debate, os nativistas defendiam cabo-verde como ilhas adjacentes de Portugal e, nessa senda, afirmavam a cultura cabo-verdiana como um caso de regionalismo português, enquanto nacionalistas, que emergiram, a partir de meados da década de 50 do século passado, a entendiam, antes, como um caso de regionalismo africano.

Resumindo, interessava a Baltazar Lopes e a geração claridosa enaltecer aquela que seria a expressão máxima da assimilação dos cabo-verdianos, o seu dialeto, possibilitado pelo afastamento de África e

---

<sup>153</sup> LOPES, p.16.

<sup>154</sup> Ibidem, p.15.

<sup>155</sup> FREYRE, 1980, p.243.

<sup>156</sup> Ibidem, p.240.

<sup>157</sup> LOPES, 1956, p.24.

materializado através do surgimento de uma cultura própria, autêntica e civilizada, ao se aproximar de Portugal e dos valores ocidentais. A valorização do regional implica na valorização deste grupo de intelectuais e de sua capacidade de gerenciar a colônia, e ascender cargos públicos, restritos à elite portuguesa, agindo enquanto mediadores do processo de colonização.

A perspectiva de valorização do regional e das particularidades locais foram reivindicadas pelos cabo-verdianos em defesa das ilhas frente a Portugal. A teoria do lusotropicalismo, onde a mistura e o hibridismo cultural possuíam local privilegiado, reunia totais condições de encontrar em Cabo-verde sua maior expressão na África, porém, para a decepção dos claridosos não foi isso que ocorreu.

Ao analisar a recepção do lusotropicalismo por parte da intelectualidade africana, Alfredo Cesar Melo (2014) afirma que o lusotropicalismo decepcionou quem outrora se inspirou em *Casa Grande e Senzala* para questionar a colonização portuguesa e vislumbrar o Brasil como horizonte a ser alcançado. Reproduzindo a lógica da integração lusotropical a fim de justificar a permanência da condição de colônias em detrimento das aspirações dos povos africanos, que clamavam por soberania e independência.<sup>158</sup>

Antes de prosseguir viagem pelas colônias africanas, Freyre retorna à Lisboa. “Dessa vez volto a Lisboa com um sentimento novo: o de que esta cidade não é simplesmente a base política e histórica de um Portugal europeu mas de um Portugal atlântico.”<sup>159</sup> Quando retorna a Lisboa, Freyre já possui um olhar diferenciado sobre a cidade, a de que já lhe pertence, assim como Rio, São Paulo ou Bahia. O autor nos fala que está cada vez mais convencido de que somente sentindo uma cidade que se consegue compreendê-la em sua intimidade. Sua relação com Lisboa nos parece ser essa.

Freyre parte então para o Oriente português, afirmando que lá o português, havia se enriquecido para melhor colonizar o Brasil. No início

---

<sup>158</sup>MELO, Alfredo Cesar. Relendo Freyre contra Freyre: apropriações contra- hegemônicas do hibridismo no Atlântico Sul. *Via Atlântica*, n. 25, p. 83-101, 2014.

<sup>159</sup> FREYRE, 1980, p.247

da conquista do novo mundo, Portugal voltava seus interesses para as Índias e suas especiarias, o Brasil, naquela altura, havia sido deixado de lado pelos portugueses. Freyre afirma que isso resulta no fato de “(...) nós, brasileiros, sermos devedores ao Oriente de alguma coisa de essencialmente valioso que os portugueses assimilaram de culturas orientais.”<sup>160</sup>

O escritor coloca o Brasil como um líder das modernas civilizações lusotropicais, ocupado papel chave e crucial para sua manutenção. “Quando se convencerá o Brasil de que é um dos líderes - se não for, sob vários aspectos, o principal líder - das modernas civilizações tropicais?”<sup>161</sup>

Tem o Brasil responsabilidades especialíssimas para com as sociedades ou nações como a Abissínia, o próprio Egito, a Arábia, a Sibéria, o Irã, a Síria, a Índia, o Paquistão, menos experimentadas que a gente brasileira em vida nacional ou democrática ou no estudo, sobre métodos modernos, de problemas comuns a áreas e culturas tropicais ou quase tropicais.<sup>162</sup>

Freyre chega à Goa e a primeira impressão que tem não é a de estar no Oriente, mas sim no Brasil. “Para o brasileiro é como se, em pleno Oriente, chegasse ao Brasil, com o qual a Goa antiga se parece extraordinariamente: mais do que com Portugal.”<sup>163</sup> No que diz respeito às semelhanças, Freyre as encontra tanto na paisagem como na população, ambas muito familiares aos olhos do escritor.

Também a mesma fala: o português que ouço na Índia é o português do Brasil, muito mais que o português de Portugal. A ação tropical sobre a língua europeia parece vir sendo a mesma nas duas áreas; a mesma, também, a simplificação, na língua do invasor português, das duras complexidades de sons, para que os povos tropicais mais facilmente os venham adquirindo, conversando, adaptando, tropicalizando.”<sup>164</sup>

Freyre nos parece ter encontrado o que estava buscando em Goa. Diferentemente de sua experiência em Cabo Verde, o escritor se encontra

---

<sup>160</sup> Ibidem, p.252.

<sup>161</sup> Ibidem, p.254.

<sup>162</sup> Ibidem, p.254.

<sup>163</sup> Ibidem, p.255.

<sup>164</sup> Ibidem, p.256.



maravilhado pela cultura que se manifesta nas ruas cidade, em seu povo, nas suas cores e paisagens. A sensação de estar no Brasil, estando em uma cidade de cultura que poderia ser tão diferente aos olhos de um brasileiro, é a comprovação empírica do que vinha buscando denominar de interpenetração de culturas, tendo por sua síntese cultural o lusotropicalismo.

Continuo impressionado com as semelhanças da Índia Portuguesa com o Brasil. Ou do Brasil com a Índia portuguesa, desde que, daqui assimilou o português muito valor oriental, hoje dissolvido no complexo brasileiro de cultura: uma cultura lusotropical tanto quanto a da Índia. Creio ter encontrado nesta expressão - "lusotropical" - a caracterização que me faltava para o complexo de cultura hoje formado na presença portuguesa em terras tropicais e que tem na identidade de condições tropicais de meio físico e na identidade de formas gerais de cultura - com substâncias de raça e de cultura as mais diversas - suas condições básicas de existência e expressão.<sup>165</sup>

Sobre a presença portuguesa na Índia portuguesa Freyre afirma que o Brasil orientalizou-as mais do que Portugal em vários dos seus estilos de vida e até em algumas de suas técnicas senão de construção, de decoração de casas e de igrejas e de proteção de casas e pessoas contra excessos tropicais de luz, de calor e de sol.<sup>166</sup> No século XVI foi em Goa que se deu a base do movimento que Freyre vem designando com civilização lusotropical. "Civilização em que aos homens e valores europeus, desgarrados em regiões tropicais, juntaram-se de início homens e valores dos próprios trópicos. Esse início foi principalmente na Índia ou no Oriente".<sup>167</sup>

Freyre retorna à Lisboa e afirma ser especialidade da política portuguesa saber juntar aventura e rotina e por isso ganhou um status de cidade capital de um império ainda em construção. "Só Européia, Lisboa seria uma cidade banal. Seu encanto vem do fato de que, tanto no seu passado, como seu caráter, estão de tal modo penetrados de cores,

---

<sup>165</sup> Ibidem, p.259.

<sup>166</sup> Ibidem, p.277.

<sup>167</sup> Ibidem, p.276.

sabores e aromas e traços do Oriente e das Áfricas, da América e das ilhas do Atlântico, que estando na Europa, ela não é só da Europa.”<sup>168</sup>

Lisboa seria então uma cidade que carrega muitas dentro de si, pois segundo o escritor: “Nenhuma cidade europeia reuniu e assimilou tanta diversidade de valores ultramarinos, juntando-os aos tradicionais. Lisboa fez com as coisas o mesmo que fez com as pessoas e com os animais. A todas estendeu a proteção de cidade lusitana. A todas considerou portuguesas.”<sup>169</sup>

Ao chegar em São Tomé e Príncipe, Freyre é recebido pelo governador e comandante Carlos Gorgulho. Diferentemente da Índia, onde sentiu ausência de espírito turístico, em São Tomé encontra uma gente de espírito turístico aflorado. As ilhas são mais velhas em relação à presença lusitana e por isso serviram como laboratórios de sociologia, com o intuito de melhorar a condição do negro trabalhador sem prejudicar a economia. Freyre assegura veementemente que a presença do Brasil na África é muito mais forte do que se imagina.

“Portugal soube cedo associar o Brasil, os brasileiros e os “brasileiros”, às suas aventuras africanas e orientais. De modo que um brasileiro na África não se sente tão estranho a terras africanas como um chileno ou um canadense. Mais do que qualquer outro povo americano, ele descobre aqui projeções de sua cultura, do seu ethos, do seu modo social de ser. Projeções da própria Natureza brasileira: sob a forma de mandioca, de cacau, de caju, de maracujá, de tabaco trazidos do Brasil à África pelo português ou pelo “brasileiro”.<sup>170</sup>

Em Luanda não é diferente, permanece no sociólogo a sensação de estar no Brasil. Segundo Freyre, em Angola é como se estivéssemos num Brasil já amadurecido em sociedade híbrida, com uma população mestiça já considerável ao lado da branca, já perceptível ao lado da nativa, que me dizem ser aqui cerca de três milhões.<sup>171</sup> Uma questão central na narrativa de Freyre ganha espaço em suas considerações sob Luanda. A relação

---

<sup>168</sup> Ibidem, p.307

<sup>169</sup> Ibidem, p.307.

<sup>170</sup> Ibidem, p.313.

<sup>171</sup> Ibidem, p.319.

entre o modernismo e o “respeito ao passado”, utilizando as palavras do autor.

Seria uma lástima para Angola que Luanda, tomada de furioso dinamismo modernista, se banalizasse numa Elizabethville qualquer, em vez de juntar os arrojos da modernidade urbana a sobrevivências de um passado único entre cidades fundadas por europeus na África propriamente negra e tropical. Passado denso, profundo, característico de um esforço na verdade criador de um tipo lusotropical de cidade e não apenas de civilização agrária.<sup>172</sup>

Freyre defende que a modernização do mundo lusófono deve ocorrer respeitando os valores característicos do passado regional de cada lugar. E apela para que isso ocorra com Luanda, para que se utilizem as técnicas modernas sem abandonar as suas tradições, tão essenciais para uma cidade lusotropical. Essa nos parece ser a ideia que Freyre defende sobre o que seria a modernidade ideal para a comunidade lusotropical e a maneira como ela deveria ser implementada.

O escritor destaca o papel crucial da mulher negra no processo de colonização, pois onde sua presença não foi significativa observou-se a degradação, assim como a miscigenação, tendo ela sido um “ponto de encontro” entre a cultura nativa e a adventícia.

Age a mulher de cor assim socialmente situada, como um elemento magnífico de aproximação do esposo ou do amante branco com as condições tropicais de vida. Como um elemento de integralização do filho mestiço nas condições tropicais de vida, sem prejuízo do que nele se conserve de lusitano e de cristão. Foi o que ocorreu em mais de uma área brasileira e é o que ocorre hoje na Angola e até certo ponto na Guiné.<sup>173</sup>

Sobre o homem, Freyre afirma que foi a colonização e a divisão social do trabalho que alterou sua relação com a terra. Até outrora o trabalho regular dos campos era responsabilidade das mulheres, assim como o trabalho doméstico. A escravidão do homem negro foi ápice dessa modificação social. “Foi o regime de trabalho escravo que permitiu ao português, nos primeiros séculos de colonizador europeu da África, fazer o

---

<sup>172</sup> Ibidem, p.322

<sup>173</sup> Ibidem, p.324.

homem da Angola trabalhar contínua e regularmente nos campos; nem a atividade rotineiramente sua, mas da mulher, a nómada (...)”<sup>174</sup>

Escravidão de estilo português foi um prolongamento do estilo maometano: o de associar o cativo à cultura dominante, em vez de utilizá-lo apenas economicamente. A de torná-lo por vezes português e não apenas subportuguês: ou africano ou asiático ou americano a serviço de português. Daí a naturalidade com que o preto assimilado - ou apenas em começo de assimilação - diz-se, em terra portuguesa, português; e não bântu ou mandiga ou iorubano. Português é o que ele se sente. E sendo português, não se revolta tanto contra Portugal como o preto das colônias inglesas, contra o inglês, e do Congo Belga, contra os belgas, o da África do Sul, contra os boers, até mesmo os indígenas de colônias francesas, contra a França.<sup>175</sup>

Ainda sobre sua experiência em Luanda, Freyre nos chama atenção em seu “diário” para o fato de esta cidade ser uma das mais lusotropicals no mundo. Sobre as novas casas ou construções, o escritor afirma que muitas delas se harmonizam lusotropicalmente com o trópico, porém, assim como ocorre no Brasil, isso não é uma regra. Ao discorrer sobre a expansão da cidade assegura que “Luanda está em fase plástica. Pode industrializar-se sem desprezar seus “cintos-verdes”: desprezo que tem sido erro de mais de uma cidade brasileira.”<sup>176</sup>

A questão da modernização nas cidades africanas, como já vimos, é uma questão muito cara a Freyre, tamanho o seu receio com os rumos que o desenvolvimento pode vir a tomar. O exemplo das grandes cidades brasileiras repudia o escritor, que tenta a todo custo alertar as autoridades portuguesas e os seus leitores, sobre os perigos da modernidade. O apagamento e desvalorização passado, de acordo com Freyre, são muitíssimos prejudiciais a qualquer tipo de modernização e devem precisamente serem evitados. A África Portuguesa surge então como a esperança de Freyre, de ver seu projeto de modernidade aplicado.

A África Portuguesa está em situação de poder evitar o metropolitanismo a que já sucumbiram na América vários países: o Brasil, a Argentina e não sei se o México, além dos Estados Unidos. Está em situação de desenvolver-se

<sup>174</sup> Ibidem, p.326.

<sup>175</sup> Ibidem, p.327.

<sup>176</sup> Ibidem, p.322.

em cidades que se conservem equilibradas entre o dinamismo urbano e o rural. Rurbanas. (...) desde cedo obedeça a outro ritmo: o de uma estabilização dos valores basicamente rurais; o do desenvolvimento dos dois tipos de valor sob a forma verdadeiramente saudável de desenvolvimento regional.<sup>177</sup>

A Companhia de Diamantes de Angola, responsável pela exploração de diamante na Angola, principalmente na região de Dundo, possui um museu que é visitado por Freyre durante sua estadia na região. O sociólogo se mostra encantado com a preocupação da companhia em preservar a cultura intelectual e artística da região, porém se mostra alerta a tendência por parte dessas empresas em África, de “reduzir as culturas indígenas à puro material de museu”, o que “constitui um dos maiores perigos para a gente africana do ponto de vista social e ao mesmo tempo cultural.<sup>178</sup>

Freyre afirma que a Companhia de Diamantes de Angola possui algo de fortemente belga em sua maneira de atuar em solo africano. Diferentemente da atuação portuguesa nos trópicos, onde os negros africanos eram retirados de sua tribo e inseridos em um sistema patriarcal, familiar e escravocrata. Esse sistema, segundo o sociólogo, além de permitir ascensão social, incluía-os em uma nova comunidade cultural, sem reduzi-los a peças de museu.

É o que não acontece dentro das grandes empresas capitalistas que hoje se instalam na África e utilizam-se de africanos arrancados às suas tribos sem lhes darem oportunidade de participação em novos sistemas de convivência e de cultura. São eles mantidos num ambiente socialmente artificial - e não só artificial: humilhante - do qual só pode resultar sua degradação.<sup>179</sup>

Ao visitar as casas dos europeus, integrantes da Companhia dos Diamantes de Angola, Freyre afirma sentir falta da África, pois tem a sensação de estar na Europa. O que nos parece aqui é que as marcas deixadas pela ocupação de Europeus e norte-americanos na África desagrada a Freyre. Descaracterizando a comunidade lusotropical e principalmente sufocando a cultura local. A sociedade europeizada que gira em torno da Companhia dos Diamantes de Angola difere totalmente da

---

<sup>177</sup> Ibidem, p.338.

<sup>178</sup> Ibidem, p.348.

<sup>179</sup> Ibidem, p.349.

sociedade descrita por Freyre em Angola. Nesta última, o que o sociólogo observa é a África, mas sem deixar de ser Portugal, um quase Brasil.

De qualquer modo sinto a ausência da África na África; e este sentimento, em vez de me regalar, aflige-me. (...) África que está sendo esmagada, abafada, sacrificada para que Europa e Estados Unidos estendam por terras africanas não só suas maravilhas de técnicas adaptadas ao gosto e às conveniências de povos tropicais como as suas banalidades, as suas futilidades, os seus excessos profiláticos de antitropicalismo.<sup>180</sup>

Freyre elenca o povo brasileiro como um dos colaboradores principais no desenvolvimento da civilização lusotropical. Aqui o lusotropicalismo aparece claramente definido enquanto uma civilização em construção e o Brasil, tanto pela presença quanto pela ação da cultura portuguesa deve colaborar com Portugal. A aproximação do Brasil com as colônias, nesse sentido, é um ponto chave levantado pelo escritor.

Outra reflexão interessante relatada por Freyre, em seu “diário” diz respeito à Universidade. O sociólogo defende que haja a criação de uma Universidade, que estivesse articulada com o sistema universitário português, porém, próxima das instituições brasileiras que estivessem aptas a contribuir com estudos e pesquisas, dentro do sentido lusotropical de cultura, menos desenvolvido em Portugal que no Brasil. Freyre critica o fato de a colonização possuir como grave deficiência a não implementação de Universidades nas colônias, ponto inferior em relação Espanha ou Inglaterra. E defende a criação de uma Universidade em Angola, a fim de evitar que os jovens estudem em outros países que possuem valores diferentes da cultura lusotropical.

A fim de evitar-se tal perigo, parece-me de alguma urgência a criação de uma Universidade na Angola - e Sá da Bandeira talvez seja o recanto ideal para o empreendimento - que, desenvolvendo o critério regional no estudo de certas matérias, concilie este critério com o sentido lusotropical, de cultura, e democrático, de convivência humana. Sentido que aproxime, cada dia mais, os povos lusotropicais, não só entre si, como de Portugal.<sup>181</sup>

---

<sup>180</sup> Ibidem, p.352.

<sup>181</sup> Ibidem, p.371.

A visita à Mossâmedes em Angola, Freyre se sente novamente em casa e recebido por parentes, tamanha a sua ligação com o Brasil. Segundo o sociólogo, os brancos que se fixaram em Mossâmedes haviam antes se fixado no Brasil, em Pernambuco e posteriormente partido para Angola em detrimento da Revolução Praiera.

Vieram para Mossâmedes já abasileirados: gostando de farinha de mandioca, de doce de goiabada, de charuto e de rapé da Bahia, de rede do Ceará, de renda de Alagoas, de mulata, de maracujá, de aguardente de Pernambuco. Marcados pela arquitetura doméstica de casas-grandes e sobrados com senzalas, que reproduziram em Angola.<sup>182</sup>

E termina por afirmar que: “Mossâmedes vem cumprindo o fado de absorver em seu seio afrotropical aqueles portugueses que, por vontade própria, teriam sido luso-brasileiros e não luso-angolanos. Mas o resultado é afinal o mesmo: em essência somos todos lusotropicais”. (FREYRE, 1980, p.380).

Freyre parte para Moçambique, a última colônia portuguesa que visitará em sua viagem, situada já no outro lado da costa africana. E quando chega a colônia afirma estar em área mais “arianizada” e anglicizada do que Benguela ou Luanda.

Mas a verdade é que Moçambique é uma área lusotropical mais ligada que a Angola ou que a Guiné ou a Madeira ou o Brasil, a valores basicamente lusíadas, como ponto que foi, em época decisiva, de confluência do esforço português na África com o esforço português no Oriente: dois esforços dos quais seria impossível separar o que criou, no Brasil, a civilização lusotropical com substância americana ou ameríndia.<sup>183</sup>

Sobre a presença de estrangeiros na África, Freyre afirma que o que ocorre em determinadas regiões é um imperialismo cultural ou econômico sul africano, capaz de dissolver valores e estilos de cultura que não são próprios da cultura lusotropical. A saída para este anglicanismo, segundo o autor é que as “(...) civilizações lusotropicais devem resistir o mais possível unidas: reforçadas pela presença mais viva da cultura luso brasileira entre as populações luso-africanas”.<sup>184</sup>

---

<sup>182</sup> Ibidem, p.378-379.

<sup>183</sup> Ibidem, p.391.

<sup>184</sup> Ibidem, p.393.

O Brasil ocupa aqui novamente um papel de vanguarda na disseminação da moderna civilização lusotropical. A experiência da presença lusa na cultura brasileira e seu caminhar em direção à democracia étnica, surgem como um incentivo ao desenvolvimento do lusotropicalismo nos luso-africanos. O resultado seria, segundo Freyre, o surgimento de uma nova África, independente da Europa e conectada culturalmente com Portugal. “Nesta nova África, a sobrevivência de Portugal me parece assegurada na medida em que se acentuam suas qualidades de povo menos europeu do que lusotropical. (FREYRE, 1980, p.393)

Em Beira, capital de Manica e Sofala, Freyre afirma haver algo que lembra o Recife, além de ser um centro estrategicamente econômico do mesmo modo que complexamente social. Essa complexidade e proximidade com a Rodésia, de domínio dos ingleses, pode estar influenciando de forma negativa, segundo o autor, a maneira de tratar gente mestiça por parte de alguns brancos portugueses da Beira. (FREYRE, 1980).

É uma influência contra a qual precisamos de estar vigilantes, todos os lusotropicals: a influência dos nórdicos que nos afetam os hábitos e os sentimentos com a sua vizinhança ou o seu contato de povos econômica e tecnicamente poderoso. No Brasil, nós a sofremos hoje da parte de norte-americanos e a temos sofrido da parte de alemães: dos alemães dos dias de inflação racista, por exemplo. (FREYRE, 1980, p. 406)

O que nos parece é que os aspectos negativos que se manifestam em Portugal e em seu processo de colonização, Freyre atribui a influências de outras culturas, principalmente a inglesa e a belga. Essas influências, segundo o autor, precisam ser contidas a todo o custo pois em nada contribuem para a difusão da cultura lusotropical em África. É como se por essência, a cultura portuguesa tivesse sido elaborada para penetrar nos trópicos, de forma sociológica e biológica, sem violência. O que Freyre parece exaltar, é a permanência dos valores culturais lusos penetrados na cultura regional, local, sem dissolvê-la, conectando transnacionalmente culturas tropicais. As colônias africanas precisam então, estar voltadas



para a cultura lusa e o exemplo brasileiro de sucesso no quesito desenvolvimento e confraternização de raças.

A política imperialista, a exploração econômica e os excessos amplamente cometidos nos mais diferentes processos de colonização, pertencem ao Europeu. Portugal se caracteriza aqui como um extra-europeu, que já superou a Europa no que diz respeito à civilização.

De alguns desses excessos de domínio econômico de alguns sobre a atividade de muitos, talvez Portugal, tanto na Europa como na África e no Oriente, esteja hoje saudavelmente livre, embora lhe falte em algumas áreas no Ultramar uma política de mais ativa proteção do nativo - tantas vezes arrancado à sua tribo para tornar-se, numa espécie de vácuo social, trabalhador de indústria européia - contra os perigos de desintegração demasiado violenta, em proveito de alguns particulares ou de algumas firmas. O caso da Companhia de Diamantes é impressionante. Abuso de poder econômico da pior espécie.<sup>185</sup>

“Encontrei na África Oriental Portuguesa uma gente, uma mocidade, uma paisagem, uma cultura que me seduziram pelo que há nelas de complexamente lusotropical: Portugal, o Árabe, a África, o Oriente, o Indiano, o Chinês”.<sup>186</sup>

Freyre encontrou em Moçambique algo genuinamente lusotropical, uma mistura de diferentes culturas em harmonia. E a solução encontrada pelo sociólogo para possíveis conflitos, sejam políticos ou culturais é justamente a interpenetração de culturas, das mais atrasadas com as mais capacitadas e desenvolvidas. A mestiçagem é o caminho para tal solução.

A solução portuguesa, quando castiçamente portuguesas, me parece a melhor para os problemas de relações de culturas europeias com as mais primitivas das africanas, das ameríndias e asiáticas. É a solução pela mestiçagem, pela interpenetração de culturas, pela absorção de valores das culturas tecnicamente atrasadas pela adiantada, sem que a atrasada sofra excessos de violência imperial da parte mais adiantada.<sup>187</sup>

Assim como analisamos no primeiro capítulo as conferências proferidas por Freyre em Portugal, o escritor também realiza conferências

---

<sup>185</sup> Ibidem, p.419.

<sup>186</sup> Ibidem, p.422.

<sup>187</sup> Ibidem, p.423.

na África. A mais significativa delas para nosso estudo é a que profere em Goa, em 1951, intitulada de: *Uma cultura moderna: A lusotropical*. Freyre inicia sua conferência ressaltando, como era de costume, o caráter de homem de estudo e de observador que assumiu durante a viagem. “Deseja eu ver o Ultramar quase sem ser visto; e ouvi-lo quase sem fazer-me ouvir”.<sup>188</sup> Desde que havia iniciado sua viagem era a primeira vez que realizada uma conferência e, devido a calorosa recepção que encontrou na Índia-portuguesa, decidiu por aceitar o convite.

Freyre afirma ter a impressão de estar menos em terra estranha do que conhecida, familiar (FREYRE, 2010). Essa relação de reconhecimento, e não afastamento, com as mais diversas culturas locais e regionais é uma constante durante a viagem de Freyre. Nesse caso, Goa o faz lembrar Salvador, pela sua pomposidade e igrejas aos montes. A mestiçagem observada em Goa é similar a encontrada no Brasil e segundo Freyre, o Oriente está muito presente na Índia, por mais latinizada ou cristianizada que esteja.

Os olhos de Freyre parecem se direcionar no sentido de buscar constantes portuguesas fora de Portugal, as permanências e similitudes, o que foi absorvido da cultura portuguesa e o que ela absorveu. O ponto de interseção entre Brasil, Oriente, Portugal e África é objeto de estudo de Freyre. Por mais que advogue que optou por observar o Ultramar Português com olhos de estudante, havia um vício em comprovar a teoria lusotropical. Por conseguinte, foi o que Freyre fez. Viu o Brasil em Portugal, na Índia e na África. O português:

Criou um mundo de valores aparentemente contraditórios, mas na verdade harmônicos. Um mundo novo, uma civilização nova, uma cultura nova a que por antecipação pertenceram portugueses do século XVI a XVIII para os quais nos voltamos hoje como para pioneiros do que pode, ou deve, chamar-se civilização ou cultura lusotropical.<sup>189</sup>

---

<sup>188</sup>FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas: introdução a uma possível luso-tropicologia, acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico*. Ed. É Realizações. 2010. p.127.

<sup>189</sup> Ibidem, p.131.

A defesa a lusotropicologia enquanto campo de estudos a ser desenvolvidos no Brasil, decorre dessa valorização do meio tropical, em Freyre e se manifesta de forma presente em suas conferências.

Cátedras de lusotropicologia seriam as que (...) se dedicassem ao estudo sistemático do conjunto lusotropical de cultura: conjunto em que a aparência ou realidade de dispersão é compensada pela realidade, mais profunda, de semelhanças de cultura entre as várias populações dispersas, mas não violentas nem desiguais, nem quanto às suas condições básicas de sociabilidade e - perdoai outro neologismo - culturalidade.<sup>190</sup>

Retornando para a realidade encontrada em Goa, Freyre ressalta a similaridade do português falado em Goa, com o português falado em Portugal. Permanecendo na lógica do meio influenciando a cultura, o pernambucano atribuiu esse fato a ao efeito que meio tropical causa nas asperezas europeias. “Não escondo a emoção que desde Bombaim ouço a língua portuguesa falada no Oriente por lusotropicais com um sotaque que é o sotaque brasileiro”.<sup>191</sup> A língua portuguesa, para Freyre, é a expressão da vastidão da cultura lusotropical e ao mesmo tempo o seu veículo de difusão.

A língua portuguesa ainda em formação, assim como a civilização lusotropical, permitiria a sua dilatação e adesão de novas formas de manifestação presente nos trópicos. Isso justifica, inclusive, a sua incorporação por povos tão distintos, que encontraram na língua portuguesa maneiras de expressarem seus sentimentos mais íntimos (FREYRE, 2010). O português teria absorvido tantas palavras tropicais que em sua categorização não se enquadraria mais em uma língua europeia, mas sim extraeuropeia, transnacional, assim como a cultura que verbaliza. Isso justifica tamanha a importância que Freyre atribui a língua em seus estudos, por influência de Franz Boas, certamente, mas por considerá-la o meio de expandir e perpetuar seu projeto civilizacional do futuro, já em fase considerável de crescimento, mas com uma longa trajetória de desenvolvimento pela frente: a civilização lusotropical.

---

<sup>190</sup> Ibidem, p.139.

<sup>191</sup> Ibidem, p.140.

A obra, *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* possui ainda 23 discursos curtos que Freyre proferiu, porém, seu conteúdo é dotado de agradecimentos, formalismos e de conteúdo repetitivo por isso sua análise não possui contribuições significativas para o nosso trabalho. A obra é finalizada com uma parte intitulada “Muito Obrigada” onde Freyre faz um agradecimento particularizado a todos que contribuíram para que a sua viagem fosse possível ou de alguma forma contribuíram para a sua experiência. Os nomes citados por Freyre vão desde orientadores e guia oficiais, passando por comandantes dos navios e aviões que facilitaram os longos trajetos percorridos, aos governadores das províncias que o receberam de forma cordial e solícita. Essa lista inclui também as famílias portuguesas que o receberam em suas casas, aos habitantes das colônias, pessoas simples com as quais cruzou durante aqueles meses de viagem por terras tão distantes e familiares. Por fim agradece as autoridades brasileiras e representantes do Brasil em Portugal, assim como aos membros do governo português, Presidente, Conselheiros, Ministros, Embaixadores e Secretários pela cortesia com a qual o receberam.

Os agradecimentos de Freyre são uma ilustração da viagem que realizou por Portugal e suas colônias. De um lado o aparato burocrático do Estado Novo português, do Estado Brasileiro e o aspecto institucional que a viagem possuiu, Freyre foi recebido, hospedado, acompanhado e guiado por membros e representantes oficiais do governo português. De outro lado seu interesse por entrar em contato direto com a cultura portuguesa e o produto da sua dispersão pelo mundo, a cultura lusotropical, através principalmente das pessoas comuns e seus diferentes modos de adaptação do local com o global. Os inúmeros agradecimentos escritos por Freyre para ambos os lados mostram que o escritor encarou a viagem como uma realização pessoal e profissional, o lusotropicalismo existia e suas potencialidades possuíam totais condições de serem exploradas, uma lástima ter sido utilizada pelo lado mais perverso da História.

## 5. Conclusão

A teoria lusotropical de Gilberto Freyre foi uma constante na produção intelectual do escritor, como o próprio Freyre preferia ser chamado, tamanha a importância que este projeto possuiu em sua vida e consequentemente refletiu em seus estudos. A produção de Freyre sobre o lusotropicalismo não se encerra com a publicação das obras aqui analisadas, outras publicações, como por exemplo: *O Luso e o Trópico* (1961) e *Novo Mundo nos Trópicos* (1972), deram continuidade a difusão da teoria lusotropical, trabalho que havia sido iniciado com a viagem por Portugal e suas colônias em 1951 e 1952. Nossa pesquisa, entretanto, se limitou a analisar a viagem enquanto objeto principal de estudo, a partir das obras produzidas por Freyre naquele momento e publicadas no ano posterior à sua volta. Foram elas: *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação* e *Um brasileiro em terras portuguesas: Introdução a uma possível lusotropicalologia: acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico*.

Analisar a viagem de Gilberto Freyre e as obras produzidas já se configuraram por si só um desafio enorme, tamanha a complexidade da teoria lusotropical e das ambiguidades que cercaram este intelectual ao longo de sua vida e obra. Esse quadro foi potencializado pelo contexto em que estava inserida a viagem e a escrita dos livros que apresentamos nesse trabalho, o Estado Novo português de Oliveira Salazar. Sendo assim, a pesquisa foi dividida em etapas que posteriormente se tornaram os capítulos da dissertação. A partir da pesquisa que deu origem ao primeiro capítulo podemos concluir que a teoria lusotropical de Freyre não foi

produzida para servir aos interesses de um regime ditatorial que vivenciava seu período mais crítico naquele momento, as revisões das possessões colônias no pós-segunda guerra mundial.

O lusotropicalismo possui suas bases em Casa-Grande & Senzala, como pudemos observar a partir da leitura da própria obra e foi se desenvolvendo ao longo dos anos de 1940. Nesse período Freyre estava expandido seu objeto de estudo, se deslocando do Brasil para o mundo que o português havia criado em detrimento do seu processo colonizatório.<sup>192</sup> Encontra no início dos anos de 1950 uma plataforma de projeção internacional em detrimento do convite realizado pelo Estado Novo português, de visitar Portugal e suas colônias, com seus olhos de estudante. Freyre o aceita na condição de ser esta uma viagem de estudos, mas como vimos através de suas relações oficiais, de sua benevolência para com o regime e admiração com a figura de Oliveira Salazar, as fronteiras entre Estado e estudos foram invisíveis.

Por outro lado, a ida do intelectual para Portugal visava a legitimação de um discurso que necessitava ser gestado para as relações exteriores do regime português.<sup>193</sup> A permanência da colonização na África e na Ásia se tornou no pós-segunda Guerra Mundial a bandeira mais emergente do Estado Novo, que passou por uma reformulação burocrática interna e externa. A teoria lusotropical de Gilberto Freyre serviu aos interesses estado-novistas trazendo legitimidade para um discurso em defesa do slogan “Portugal não um país pequeno”, estaria espalhado por seus territórios europeus, africanos e asiáticos. A relação estabelecida entre Gilberto Freyre e o Estado Novo português beneficiou os interesses de ambos naquele momento, analisar a teoria lusotropical de Freyre como tendo sido produzida para favorecer o Salazarismo limita a sua complexidade.

No segundo capítulo buscamos analisar a viagem de Freyre, mais especificamente o período em que esteve em Portugal, antes de partir para

---

<sup>192</sup> CASTELO, Cláudia. *O modo português de estar no mundo: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1998.

<sup>193</sup> DE MORAES LEME, Rafael Souza Campos. *Absurdos e Milagres: um estudo sobre a política externa do lusotropicalismo (1930-1960)*. Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

as colônias. A partir da leitura das nossas principais fontes de estudo, as obras escritas por Freyre durante a viagem, pode-se concluir que Freyre estava buscando compreender a cultura portuguesa em sua essência, através das influências que havia sofrido de outras culturas e dos contatos com outros povos ao longo dos anos. Esse interesse pela cultura portuguesa nos parece ser justificado pela tentativa de Freyre compreender o sucesso do povo português ao penetrar nos trópicos, criando uma civilização lusotropical.

Esse exercício que o escritor desenvolve durante suas obras nos levou a analisar conceito de cultura que o próprio Freyre mobiliza para compreender as constantes portuguesas de caráter e ação, tanto em seu “quase diário” como nas conferências em que prefere em Portugal, sendo este o nosso principal objetivo. Para desenvolver tal pesquisa retornamos à trajetória acadêmica de Freyre e as influências que absorveu das aulas e das obras de Franz Boas, ainda no período em que esteve morando e estudando nos Estados Unidos.

Franz Boas ficou conhecido por ter contribuído de forma substancial para a antropologia cultural, ainda sendo gestada nos anos em que foi orientador de Gilberto Freyre. A separação da noção de raça e da noção de cultura realizada por Franz Boas foi uma das maiores contribuições de Boas para o novo campo da antropologia que surgia.<sup>194</sup>, Freyre tentará estabelecer essa separação em seus trabalhos, primeiramente em *Casa-Grande & Senzala*. Porém, foi fortemente criticado por ter falhado e permanecido mergulhado nos parâmetros racialistas e biológicos em que a ciência estava amparada naquele período. A questão que nos interessa nesta pesquisa é resgatar as influências de Boas na concepção de cultura utilizada por Freyre e ela definitivamente se inicia em *Casa-Grande & Senzala*, assim como não se esgota nesse momento.

Sendo assim, as influências de Boas permanecem na obra de Freyre, inclusive durante a década de 1950. Durante o longo prefácio que antecede *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*, Freyre explicita como os

---

<sup>194</sup> MOURA, Margarida Maria. *Nascimento da antropologia cultural: a obra de Franz Boas*. Editora Hucitec, 2004.

estudos de Boas lhe auxiliariam e motivaram a pensar as trocas culturais que permearam o povo português e sua cultura. Freyre nos fala de um curso que teve a honra de dirigir ao lado de Boas, em Colúmbia, nos anos de 1938 e afirma que seu professor havia se dedicado ao estudo do negro na África. Boas ressaltava principalmente o triunfo maometano na África, em contraste com o fracasso europeu, sucesso atribuído a técnica de assimilação maometana superior. A preocupação de Boas, nesse sentido, teria motivado Freyre “(...) a observar em Portugal, no Oriente e na África, do ponto de vista das relações do sistema português de colonização dos trópicos com o maometano.” Freyre aprofunda seu argumento sobre a absorção por parte dos portugueses de métodos maometanos de assimilação, uma das características que ocasionaram o sucesso da colonização portuguesa nos trópicos e que explicaria o fracasso nos processos de colonização de outros países nos trópicos, como Inglaterra e Bélgica.

O conceito de cultura mobilizado por Freyre seria definido então como sinônimo das totalidades presentes ao longo da história do povo português que agrupadas teriam ocasionado na expansão portuguesa pelo Atlântico. Processo ainda em desenvolvimento, sendo sua intensificação defendida pelo pernambucano em diversas colônias até então existentes na África. A contradição mais latente nesse sentido, ultrapassa a separação entre raça e cultura, e se concentra no próprio conceito de cultura, pois ora Freyre está entendendo cultura como algo essencial a cada povo que se misturam, mas não se dissolvem, ora como algo oposto do puro, produto da mistura e dos “equilíbrios em antagonismos”. Esse é uma das ambiguidades que não solucionamos na obra de Freyre, apenas exploramos uma das suas possibilidades.

No terceiro capítulo, nossa pesquisa se direciona para o período em que Freyre esteve nas colônias portuguesas, vale lembrar que Macau e Timor não foram incluídas na empreitada do pernambucano. O que foi possível concluirmos após a escrita deste capítulo diz respeito a narrativa construída por Freyre, uma narrativa amparada no reconhecimento que encontra de sua própria cultura entre povos que pareciam tão distintos e tão distantes. A alteridade, marca presente principalmente na narrativa dos



viajantes europeus que iam até os trópicos estudar culturas tropicais, se dissolve em Freyre na busca por uma identidade em comum, que aproxima, unifica e integra.<sup>195</sup>

Essa identificação com os povos que o viajante encontra desde Goa até Moçambique corrobora com a teoria que Freyre estava buscando comprovar, na verdade Freyre vai até as colônias com a certeza de que sua teoria era passível de ser fundamentada empiricamente e assim o faz. O termo viagem de estudos que o escritor usa para a definir poderia ser facilmente substituído por viagem de comprovação, esse era de fato o objetivo de Freyre. Não por acaso, uma das principais críticas que sofreu foi de ser superficial em seus relatos, pois não havia se aprofundado na realidade nas colônias, suavizando, inclusive, a violência que permeava as relações entre portugueses e nativos.

Os relatos de Freyre sobre Cabo-Verde como vimos é um caso à parte e requereu maior dedicação para ser analisado. A realidade cabo-verdiana teria desapontado o escritor pois sua estrutura social não havia sido penetrada de forma suficiente pelos portugueses. A África prevalecia naquele território de forma mais intensa do que Freyre desejava, chegando inclusive a defender uma maior presença portuguesa e brasileira na região, visto o papel de vanguarda que o Brasil ocupava na civilização lusotropical.<sup>196</sup>

Decepções a parte, Freyre comprova e difunde sua teoria lusotropical pelo mundo que o português criou e encontra respaldo do regime português para realizar tal empreitada. O escritor elabora uma narrativa extensa e densa sobre o viu, sentiu, provou e reconheceu na África e na Ásia, se utilizando da sua própria experiência como argumentação para a legitimação de sua teoria. Como forma de se resgatar e aprofundar os estudos que o próprio escritor estava inaugurando, das relações entre os portugueses e os povos tropicais, Freyre defende a construção de um campo de pesquisa denominado de lusotropicologia.

---

<sup>195</sup> NICOLAZZI, Fernando Felizardo. *Um estilo de história: a viagem a memória, o ensaio, sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado*. 2008.

<sup>196</sup> ANJOS, José Carlos Gomes dos. *Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde: lutas de definição da identidade nacional*. UFRGS/IFCH, 2002.

Essa área de conhecimento seria fortalecida pelos laços entre Portugal, Brasil e as colônias portuguesas na África e na Ásia, a partir de estudos das particulares locais e sua permanência dentro de um grande complexo cultural: a civilização lusotropical.

## 6. Referências bibliográficas

ANDRADE, Manuel Correia de. Gilberto: Portugal, Brasil e Trópico. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2000.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. *Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde: lutas de definição da identidade nacional*. UFRGS/IFCH, 2002.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Castelos no Ar: Notas sobre Portugal em *Aventura e Rotina*. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2000.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Guerra e paz. *Casa-grande & senzala na obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1999.

BASTOS, Cristiana. Aventura e rotina: um livro de meio de percurso revisitado. In: CASTELO, Cláudia; CARDÃO, Marcos (Ed.) *Gilberto Freyre. Novas leituras de outro lado do Atlântico*, p. 35-48, 2015.

BASTOS, Cristiana. Tristes trópicos e alegres luso-tropicalismos: das notas de viagem em Lévi-Strauss e Gilberto Freyre. **Análise social**, p. 415-432, 1998.

CASTELO, Cláudia. A recepção do Luso-Tropicalismo em Portugal. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2000.

CASTELO, Cláudia. *O modo português de estar no mundo: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1998.

CASTRO, Celso. *Antropologia cultural*. Franz Boas. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

CHACON, Vamireh. Prefácio. In: FREYRE, Gilberto. *O mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas*. Vol. 28. José Olympio, 1940. p.11

DÁVILA, Jerry. Raça, etnicidade e colonialismo português na obra de Gilberto Freyre. **Desigualdade e Diversidade—Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio**, v. 7, p. 153-174, 2010.

DE MORAES LEME, Rafael Souza Campos. *Absurdos e Milagres: um estudo sobre a política externa do lusotropicalismo (1930-1960)*. Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

ESPAGNE, Michel; WERNER, Michael. **Transferts**. Ed. Recherche sur les civilisations, 1988.

FRANZINI, Fabio. *À sombra das palmeiras: a coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2010.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala.-51ª. São Paulo: Editora Global, 2006.

FREYRE, Gilberto. *O mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas*. Vol. 28. José Olympio, 1940.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.

FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas: Introdução a uma possível luso-tropicologia: acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico*. J. Olympio, 1953.

FREYRE, Gilberto. *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. Livraria José Olympio Editora, 1953.

FREYRE, Gilberto. *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. Livraria José Olympio Editora, 1980.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Editora da UFMG, 1999.

LOPES, Baltasar. Cabo Verde visto por Gilberto Freyre: Apontamentos lidos ao microfone de Rádio Barlavento. Impr. Nacional, 1956.

MEDINA, João. Gilberto Freyre contestado: o lusotropicalismo criticado nas colônias portuguesas como álibi colonial do salazarismo. **Revista Usp**, n. 45, p. 48-61, 2000.

MELO, Alfredo Cesar. Relendo Freyre contra Freyre: apropriações contra-hegemônicas do hibridismo no Atlântico Sul. **Via Atlântica**, n. 25, p. 83-101, 2014.

MIRANDA, Rachel de Rezende. *Além-mar. Aventura e Rotina: o lugar do Brasil no mundo luso-tropical de Gilberto Freyre. 2002. 107p*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, PUC/Rio de Janeiro, 2002

MOURA, Margarida Maria. *Nascimento da antropologia cultural: a obra de Franz Boas*. Editora Hucitec, 2004.

NICOLAZZI, Fernando Felizardo. *Um estilo de história: a viagem a memória, o ensaio, sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado*. 2008.

OLIVEIRA, Flávio Silva de. O conceito de cultura de Franz Boas e sua oposição historicista ao evolucionismo cultural do século XIX. *In Anais do Congresso de História de Jataí*.2014.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. SciELO-Editora UNESP, 2005.

PEDROSA, Breno Viotto. Sauer, Boas, Kroeber e a Cultura Superorgânica: notas sobre a relação entre Geografia e Antropologia. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 23, 2015.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. Equilíbrio e risco: a vitalidade de Guerra e Paz. **Sociologia & Antropologia**, v. 7, n. 2, p. 611-621, 2017

PINTO, João Alberto da Costa. *Gilberto Freyre e a intelligentsia salazarista em defesa do Império Colonial Português (1951-1974)*. História (São Paulo) 28.1, p. 445-482, 2009

PORTELLA, Eduardo. O Tempo do Trópico em Gilberto Freyre. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2000.

QUINTAS, Fátima. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2000.

RESENDE, Taciane Almeida Garrido de. *Isso não é África, é Cabo Verde: o movimento claridosos e a busca por uma identidade crioula*. 1. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

ROSAS, Fernando. *Salazar e o Poder. A arte de saber durar*. Editora Coimbra, 2012.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Iberismo e luso-tropicalismo na obra de Gilberto Freyre*. **História da historiografia** 10, p. 75-93, 2012.

SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. Algumas Influências na Formação Intelectual de Gilberto Freyre. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL NOVO MUNDO NOS TRÓPICOS**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2000, p.119 -123.

THOMAZ, Omar Ribeiro. Do Saber Colonial ao Lusotropicalismo: 'Raça' e 'Nação' nas Primeiras Décadas do Salazarismo. In MAIO, Marcos Chor;

SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça, ciência e sociedade*. SciELO-Editora FIOCRUZ, 1996.

TORGAL, Luís Reis. *Estados novos, estado novo: ensaios de história política e cultural*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

VECCHI, Roberto. *A casca e a fruta do pós-colonialismo português: algumas armadilhas do Lusotropicalismo*, **Cadernos de Estudos Culturais**, v. 5, n. 9, 2017.

VELHO, Gilberto, “O significado da obra de Gilberto Freyre para a antropologia contemporânea. ”, em Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos, Recife, GILBERTO FREYRE 19 SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS, n.º 58, 2008, pp.11-21 Fundação Gilberto Freyre, p. 115-116, 2000.